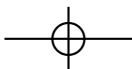
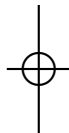


Duplo autorretrato com espelho:

Poemas novos & selecionados (1978-2014)

Kathleen McCracken



Duplo autorretrato com espelho:

Poemas novos & selecionados (1978-2014)

Kathleen McCracken

Beatriz Kopschitz Bastos

Organização

José Roberto O'Shea

Tradução

EDITORA EX MACHINA

São Paulo

· 2014 ·

Copyright © Kathleen McCracken 2014
Copyright da organização © Beatriz Kopschitz Bastos 2014
Copyright da tradução © José Roberto O'Shea 2014
Copyright do prefácio © Medbh McGuckian
Copyright desta edição © Editora Ex Machina 2014

Coordenação editorial_Bruno Costa

Capa_Bruno Topher

Imagem de capa_John T. Davis (*Navajo Motel, Arizona, 1984*)

Projeto Gráfico_Bruno Costa e Bruno Oliveira

Diagramação_Bruno Oliveira

Revisão_Bruno Costa, Flavia Miranda O'Shea e Iuri Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M132 McCracken, Kathleen.

Duplo autorretrato com espelho: poemas novos & selecionados (1978–2014). Double Self Portrait with Mirror: New & Selected Poems (1978–2014). / Kathleen McCracken. Organização de Beatriz Kopschitz Bastos. Tradução de José Roberto O'Shea. Prefácio de Medbh McGuckian. – São Paulo: Ex Machina, 2014. 208 p.

ISBN 978-85-67773-05-6

1. Literatura Inglesa. 2. Poesia. I. Título. II. Double Self Portrait with Mirror: New & Selected Poems (1978–2014). III. Bastos, Beatriz Kopschitz, Organizadora. IV. O'Shea, José Roberto, Tradutor. V. McGuckian, Medbh. Edição bilingue: Português/Inglês.

CDU 821.111.1

CDD 821

Catalogação elaborada por Ruth Simão Paulino

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA EX MACHINA

www.editoraexmachina.com.br

contato@editoraexmachina.com.br

Sumário

Acknowledgements	14
Agradecimentos	15
Preface	18
Prefácio	19
New Poems	30
Poemas novos	31
The Gauntlet Road	32
O corredor polonês	33
The Fast Healer	36
O célere curandeiro	37
Calmly and with Animal Grace	38
Calmamente e com graça animal	39
The Finger Bird	40
O dedo do passarinho	41
My Father's Heart	42
O coração do meu pai	43
'For Us To Live a Star Must Die'	46
"Para vivermos uma estrela deve morrer"	47
Zero Midspan Bending Moment	50
Momento fletor central zero	51
The Sun Inside	52
O sol dentro	53

Something about Horses	54
Algo a ver com cavalos	55
O Boneca, O Periquito	58
Ô boneca, ô periquito	59
Glacier Still	62
Silêncio da geleira	63
Mustangs: A Preamble	68
Mustangues: preâmbulo	69
Mustangs	72
Mustangues	73
Early Poems (1978–1988)	82
Primeiros poemas (1978–1988)	83
The Constancy of Objects	84
A constância dos objetos	85
Howe Sound	86
Estreito de Howe	87
Ursa Major	88
Ursa Maior	89
Dakotas, 1878	90
Dakotas, 1878	91
Liberty, Idaho, 1934	92
Liberty, Idaho, 1934	93
Ghazal of the Hunt	94
Ghazal da caçada	95
The Sunflower Describes Itself This Way	96
O girassol assim se descreve	97
There Are No Castles in Australia	100
Não há castelos na Austrália	101

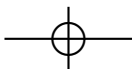
Blue Light, Bay and College (1991)	102
Blue Light, Bay and College (1991)	103
Dundalk, 1965	104
Dundalk, 1965	105
Snaps	106
Instantâneos	107
The Stitching	110
O pesponto	111
Magella M. to Harold C., Ringsend Park, May 1990	114
Magella M. para Harold C., Ringsend Park, maio de 1990	115
The Feathered Moon	116
A lua emplumada	117
Sand Street	118
Sand Street	119
Blue Light, Bay and College	120
Luz azul, baía e college	121
A Geography of Souls (2002)	122
A Geography of Souls (2002)	123
Saudade	124
Saudade	125
Stopping with Horses	126
Visitando com cavalos	127
Dead Elegant	128
Elegante de morrer	129
A Geography of Souls	132
Uma geografia de almas	133
Sky	134
Céu	135

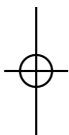
Canadian Sleep	138
Sono canadense	139
Mooncalves (2007)	150
Mooncalves (2007)	151
William Clark, The Ossified Man of Cork	152
William Clark, O Homem Ossificado de Cork	153
Eng Alone	156
Eng sozinho	157
Francis/Francine, Real Hermaphrodite	158
Francis/Francine, autêntico hermafrodita	159
Jennifer Miller, Woman with a Beard	162
Jennifer Miller, mulher barbada	163
Tattoo Land (2009)	166
Tattoo Land (2009)	167
Snow Tea	168
Chá de neve	169
Will It Fly?	180
Vai voar?	181
Trains at Tempe	182
Trens em Tempe	183
Allen Ginsberg's Bed	184
A cama de Allen Ginsberg	185
The Map Is Not the Territory	188
O mapa não é o território	189
At Medicine Lake	190
Em Medicine Lake	191
Burying the Raven	192
Sepultando o corvo	193

Waiting for Snow	194
Esperando neve	195
Tench	196
Tencas	197
They Ask for Planes and Only Get Straw Wings	200
Eles pedem aviões e só ganham asas de palha	201
The Sun on His Back	202
O sol nas costas dele	203
Tattoo Land	204
Terra de tatuagem	205
Biographical notes	206
Notas biográficas	207

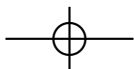


*for J.
guiding light*





*para J,
luz-guia*



Double Self Portrait with Mirror:
New & Selected Poems
(1978–2014)

Duplo autorretrato com espelho:
Poemas novos & selecionados
(1978–2014)

Acknowledgements

My deepest gratitude to Beatriz Kopschitz Bastos, whose encouragement and generosity of spirit made this project possible, and to José Roberto O’Shea and Flavia Miranda O’Shea for their sensitive and meticulous translation of my poems.

Special gracias to Sky and to John, for listening and responding to so many draft versions.

I am grateful to my editors at Fiddlehead Poetry Books, Coach House Press, Penumbra Press, Thistledown Press and Exile Editions, who published the original collections from which the poems in this book are selected, and to the editors of the following journals, where some of these poems first appeared: *Waves*, *Existere*, *University of Toronto Review*, *New Orleans Review*, *The Malahat Review*, *Poetry Ireland*, *The SHOP: A Magazine of Poetry*, *Revival*, *Almatroz: Revista Brasileira de Poesia de Lingua Inglesa*, *Exile: The Literary Quarterly*, *Reflexion*, *Abridged* and *FourXFour*.

Agradecimentos

Minha profunda gratidão a Beatriz Kopschitz Bastos, cujo incentivo e generosidade de espírito tornaram este projeto possível, e a José Roberto O’Shea e Flavia Miranda O’Shea, pela sensível e meticulosa tradução dos meus poemas.

Um agradecimento especial a Sky e John, por ouvirem e responderem a tantas versões rascunhadas.

Sou grata a meus editores da Fiddlehead Poetry Books, da Coach House Press, da Penumbra Press, da Thistledown Press e da Exile Editions, que publicaram as coletâneas das quais foram selecionados os poemas incluídos neste livro, e aos editores dos seguintes periódicos, onde alguns desses poemas foram publicados pela primeira vez: *Waves; Existere; University of Toronto Review; New Orleans Review; The Malahat Review; Poetry Ireland; The SHOp: A Magazine of Poetry; Revival; Almatroz: Revista Brasileira de Poesia de Língua Inglesa; Exile: The Literary Quarterly; Reflexion; Abridged e FourXFour.*

*What defense have I against nothingness but this ark in which
I have tried to gather everything that was dear to me, people,
birds, animals, and plants, everything that I carry in my eye and
in my heart, in the triple-decked ark of my body and soul?*

Danilo Kiš – *Hourglass*

*O Canada, I have not forgotten you,
and as I kneel in my canoe ...
... I pray that I remain in your vast,
polar, North American memory.*

Billy Collins, 'Canada'

*Que defesa tenho contra o nada exceto este baú em que tento
juntar tudo que me foi caro, gente, pássaro, bicho, e planta, tudo
que carrego no olho e no coração, no baú de três andares do meu
corpo e da minha alma?*

Danilo Kiš — *Hourglass*

*Ó Canadá, de ti não esqueci,
e ajoelhado nesta canoa aqui...
... rezo para ficar em tua vasta,
polar, memória norte-americana.*

Billy Collins, "Canada"

Preface

THE TWO WELL-CHOSEN EPIGRAPHS from Danilo Kiš and Billy Collins which preface *Double Self Portrait with Mirror: New and Selected Poems* introduce the image of an ark to correspond to the salvage-work Canadian poet Kathleen McCracken has in this bilingual edition applied to a lifetime's experience and writing. That ark is also a frail canoe from which she prayerfully invokes her native Canada. For the past twenty five years, Kathleen has shared her time between her homeland and Belfast. She has become so fully a part of the cultural north of this country, Ireland, in her critical and creative capacities that it feels we need this double language publication of new and selected poems to reawaken us to her deep and initial sources of inspiration. The present moment seems the right one to introduce her poetry to a broader international audience by means of Jose Roberto O'Shea's translation of her poetry into Brazilian Portuguese.

Kathleen's work cannot be placed completely comfortably within the framework of Irish literature in general. Her trajectory may be usefully compared to that of Paul Muldoon in the sense of a double portrait with the Atlantic as mirror. His has been the opposite and nearly contemporary re-rooting from rural Armagh and violent Belfast to New York to New Jersey, while she has travelled from northern Ontario to Toronto to Dublin to Belfast. A similar edginess of viewpoint, anxiety or dichotomy about place, memory, home and exile colours the output of both poets in complex ways. The double portrait of the title alludes as much to this twin or torn identity, its slippage between two distinct locations, as to the recently deceased father of the poet whose career, personality and death lie at the heart of several of the poems. It may even be because the most important emotional challenge for her has been to come to terms with his loss, that the newest uncollected material is

Prefácio

AS DUAS EPÍGRAFES BEM ESCOLHIDAS, de Danilo Kiš e Billy Collins, que prefaciam *Duplo autorretrato com espelho: Poemas novos e selecionados*, introduzem a imagem de um baú, ou arca, correspondendo ao trabalho resgatado que a poeta canadense Kathleen McCracken apresenta nesta edição bilíngue voltada para uma vida de experiências e escritos. Tal arca é também uma canoa frágil da qual ela se vale para invocar, como uma prece, seu Canadá nativo. Nos últimos vinte e cinco anos, Kathleen tem dividido seu tempo entre a terra natal e Belfast. Em termos de capacidade crítica e criativa, ela já se tornou parte tão integrante do norte cultural desse país, Irlanda, que sentimos a necessidade da publicação destes poemas novos e selecionados, em duplo idioma, para voltarmos a perceber suas profundas e primevas fontes de inspiração. O momento presente parece adequado para apresentar esta poesia ao público leitor internacional, por meio da tradução feita por José Roberto O’Shea para o português do Brasil.

O trabalho de Kathleen não se encaixa comodamente na estrutura da Literatura Irlandesa de modo geral. Sua trajetória pode ser comparada àquela de Paul Muldoon, no sentido de um duplo retrato, tendo o Atlântico como espelho. A trajetória de Muldoon tem se caracterizado por um novo enraizamento, inverso e quase contemporâneo, desde a zona rural de Armagh e uma Belfast violenta, até Nova York e Nova Jersey, enquanto ela viaja desde o norte de Ontário até Toronto, Dublin e Belfast. Uma argúcia semelhante, no que diz respeito a ponto de vista, ansiedade ou dicotomia de lugar, memória, terra natal e exílio, colore de maneira complexa a produção de ambos os poetas. O duplo retrato do título alude tanto a essa identidade gêmea ou dividida, ao deslizar dessa identidade entre dois locais distintos, quanto ao pai da poeta, recém-falecido, cuja carreira, personalidade e morte estão no centro de tantos poemas. Tal-

sited first in the text, followed by fewer choices from the four earlier books, and finally balanced by almost the same number from the latest publication, *Tattoo Land* (2009).

Virginia Woolf describes women in *A Room of One's Own* as looking-glasses possessing the magic and delicious power of reflecting the figure of man at twice its natural size.' The poems in this collection frequently take the form of a conversation between father and daughter, although her other, linked protagonist and alter-self is an equally heroic outlaw figure, wandering the fringes of society or traversing western hinterlands where through him she captures the quintessence of sentience. Both males figure prominently across the poems, each one fully drawn in his own right but, in an inversion of Woolf's assertion, serving also to catalyse a decidedly female poetic that bespeaks liberty and difference. At several points, like Woolf, Kathleen ponders on the nature of interiority: 'But when the self speaks to the self, who is speaking?' Woolf contends that what we perceive when self-communing is 'the entombed soul, the spirit driven in, in, into the central catacomb; the self that took the veil and left the world.' Kathleen shares this singular vision, endeavouring like her predecessor to break down notions of the I and the we through dialogue and first person narration, repetition and direct invocation of the reader in apostrophe and theatrical situations.

Kathleen may also be compared to the Irish-American Mary Lavin, who writes: 'Travelling across the Atlantic brought home the vastness of the gulf between my father and me, my father had made his memories mine.' Louise Ryan has suggested that Lavin's stories fall 'into the abyss of emigration bereavement.' Analyzing how we come to terms with good-byes, Ryan reminds us that 'Migration takes many forms – temporary and long-term, individual and familial, internal and external – and is often conceptualized in terms of permanent separation and loss.' Absence as well as presence provides a marker of emotional and intellectual rationalisation of the event, which is a dual or double loss in that the father has been departed from twice, once in life by the move to Ireland, and again in death, one removal mirroring the other in its pain. Kathleen's poetry is also akin to Lavin's stories in

vez, porque, para ela, o desafio emocional mais importante seja aprender a lidar com essa perda, o material mais recente e inédito aparece primeiramente na coletânea, seguido por um número mais reduzido de poemas, escolhidos a partir dos quatro livros anteriores, e finalmente, contrabalançados por um número quase igual de poemas selecionados da publicação mais recente, *Tatoo Land* (2009).

Virginia Woolf, em *Um teto todo seu*, descreve as mulheres como “espelhos que têm o poder mágico e delicioso de refletir a figura do homem numa dimensão duas vezes maior que seu tamanho original”. Frequentemente, os poemas desta coletânea assumem a forma de uma conversa entre pai e filha, embora o outro, segundo protagonista e *alter ego* da autora, seja uma figura igualmente heroica e marginal, vagando à margem da sociedade, ou atravessando locais remotos da região oeste, por meio da qual ela capta a quintessência da sensibilidade. Essas duas figuras masculinas se destacam nos poemas, cada qual individualmente delineada, mas, numa inversão da asserção de Woolf, servem também para catalisar uma poética decididamente feminina que evidencia a liberdade e a diferença. Em vários momentos, a exemplo de Woolf, Kathleen reflete acerca da natureza da interioridade: “Mas quando o eu fala com o eu, quem está falando?” Woolf afirma que o que percebemos quando conversamos com nós mesmos é “a alma sepultada, o espírito empurrado para dentro, para dentro, para a catacumba central; o eu que adotou o véu e se isolou do mundo”. Kathleen compartilha essa visão singular, empenhando-se, assim como a predecessora, para derrubar noções de eu e nós, por meio do diálogo e da narrativa em primeira pessoa, repetição e invocações diretas ao leitor, em apóstrofes e situações teatrais.

Kathleen pode também ser comparada à irlandesa-americana Mary Lavin, que escreve: “Cruzar o Atlântico me fez constatar a vastidão do golfo entre meu pai e mim; meu pai fizera minhas as memórias dele”. Louise Ryan sugere que as histórias de Lavin caem “no abismo das privações da imigração”. Analisando o modo como lidamos com despedidas, Ryan nos lembra que “a migração assume muitas formas – seja a médio ou longo prazo, individual ou familiar, interna ou externa – e costuma ser conceituada em termos de separação permanente e perda”. A ausência,

terms of her technical skill and singular vision; likewise ‘by successfully locating global human interests within micro-universes, she transcends any presumed provincial classification.’

The poems trace and establish verbal connections between the two continents, North America and Europe, between the twin halves of one person who is really two, or double-natured with a bi-partite soul. For example, there is the place name Dundalk, the small town in Ontario where Kathleen was born, and its namesake Irish border town, or the shared but very different words, ‘north’ and ‘orange.’ The opening, curving, one-sentence car journey poem, ‘The Gauntlet Road,’ seems deliberately situated in the style of Heaney and his favourite car poems. Colloquial immediacy creates a warm, affectionate, Joycean male consciousness in which the poet features casually but significantly as ‘the photo of his daughter / stapled to the pick-up’s visor.’ Rural roots and country landmarks feature prominently here as an inheritance from the Ulster poetic lineage, as does the MacNeice / Frost symbolism of ‘snow.’ In the one-sentence sonnet ‘The Fast Healer’ she addresses the father as ‘you,’ recalling Paula Meehan’s celebration of her father as Saint Francis, facing mortality. ‘The Finger Bird’ and ‘My Father’s Heart’ echo the themes of arrival and departure in Heaney’s ‘Blackbird of Glanmore.’ Elegy morphs into sensuous eroticism in lines like ‘who we buried under lilies / our cut hair / in his breast pocket.’ Alluding understatedly to ‘the midway’s lustrous wreckage,’ the collection cryptically refuses to dwell on much intense suffering, preferring to invest in present recovered passion and fulfilment. Balladic lyrics about constellations and feral horses conjure the stride of the vaquero lover, the relationship between two strong matching personalities achieving its potential in a return to the Canadian West: ‘You touch me / and rain falls.’ A series of haiku-like couplets, entitled ‘Mustangs,’ twists cliché into startling newness: ‘The wind farms again / a swathe of gentle crucifixions.’

In the early poems selected from work published in the 1970s and 1980s, when Kathleen was in her late teens and early twenties, human sexuality is conflated with nature and animals in geographies ranging as far afield as Australia and the Maasai Mara, while short,

assim como a presença, propicia o índice da racionalização emocional e intelectual do evento, que constitui uma perda mútua, ou dupla, visto que já houve duas despedidas do pai, a primeira em vida, na ocasião da mudança para a Irlanda, e a segunda na morte, uma separação refletindo a outra na dor. A poesia de Kathleen também se aproxima das histórias de Lavin em termos de maestria técnica e visão singular: “ao conseguir localizar interesses humanos globais no cerne de micro-universos, ela transcende qualquer suposta classificação provinciana”.

Os poemas delineiam e estabelecem elos verbais entre os dois continentes, a América do Norte e a Europa, entre as duas metades de uma pessoa que, na realidade, são duas, ou que possui natureza dupla, com uma alma bipartite. Temos, por exemplo, Dundalk, pequena cidade em Ontário, onde Kathleen nasceu, e a cidade do mesmo nome, na fronteira irlandesa, ou as palavras compartilhadas, mas bastante distintas, “norte” e “orange”. “O corredor polonês”, poema que abre a coletânea formando curvas, formando um único período, falando de uma viagem de carro, parece propositamente situado no estilo de Heaney e seus diletos poemas a respeito de carros. Certa proximidade coloquial cria uma consciência masculina joyceana, cálida, afetuosa, na qual a poeta aparece casual, mas significativamente, como “a fotografia da filha / grampeada ao quebra-sol da picape”. Raízes rurais e referências campestres aqui se destacam, como legado da linhagem poética de Ulster, conforme ocorre no caso do simbolismo da “neve” em MacNeice / Frost. No soneto de um só período, “O célere curandeiro”, ela se dirige ao pai como “tu”, fazendo lembrar Paula Meehan, que celebra o próprio pai como São Francisco diante da morte. “O dedo do passarinho e “O coração do meu pai” reverberam os temas da chegada e da partida, em “Blackbird de Glanmore”, de Heaney. Elegia se transforma em erotismo, em versos como “que enterramos embaixo de lírios / nossos cabelos cortados / no bolso do paletó”. Aludindo, sutilmente, a “o meio do meio da brilhante destruição”, a coletânea se recusa a permanecer no sofrimento intenso, optando pela paixão resgatada e a satisfação momentânea. Poemas como letras de baladas que falam de constelações e cavalos ferais invocam o passo largo do amante vaqueiro, a relação entre duas personalidades fortes e compatíveis, concretizando

pithy poems venture moral pinpoints via weather disturbances, hunted wildlife, and the Troubles in Northern Ireland: 'the soul of the sunflower / encompasses the flute and the drum.' By 1991, when the collection *Blue Light, Bay and College* was shortlisted for the Canadian Governor General's Award for Poetry, she is in full stride, artfully 'watching bonfires build' in the father's eyes. These poems already have a characteristic snapshot quality and photographic precision which will 'develop' into a fascination with film and the craft of cinema as her feminine confidence grows. 'Think of the strength / in your own hands' she writes in 'The Stitching.' Recurrent images of feathers, birds, wings and kites define a lifestyle whose price is exile from Ontario, a homesick tearing between the father of her child and her own father. 'Dead Elegant' stands out at this juncture as a *tour de force* of feminist wit in the savvy manner of Rita Anne Higgins or Nuala Ní Dhomhnaill, a double portrait of a woman imitating the father smoking. There is also the complex sequence of excerpts from her paternal uncle's Second World War experiences, written in his voice, from 1942 onwards. Here she connects masculinity with militarism in a tapestry of visual memories and death brushes ('How close I came to never coming back'), each as accurate as Michael Longley's meditations on his own heroic soldier father.

In *Mooncalves* (2007) Kathleen's mastery of ventriloquism is sharpened into a series of dramatic monologues spoken by historical and contemporary outsiders, the so-called 'freaks' and misfits of royal courts and fairground sideshows. Here these marginals are given a voice, their stories effectively reinscribed into the cultural narrative. There is range and vocal dexterity here, as Kathleen sets the rending 'Eng Alone,' in which the death of one conjoined twin signals the end of a union, alongside 'Jennifer Miller, Woman with a Beard' in which, cast in the poignant role of masked entertainer, the façade of poet, the speaker cites her own 'unquenchable raven mane of Jewish-Quaker hair.' These poems mark a mature poetic engagement with issues of gender politics and offer a trenchant, politicized probing of our enduring fascination with the bizarre, the hybrid and the uncanny.

o seu potencial num retorno ao oeste canadense: “Você me toca / e a chuva cai”. Uma série de dísticos, em estilo haikai, intitulada “Mustangues”, transforma clichês em novidade: “as estações eólicas novamente / uma faixa de suaves crucificações”.

Nos primeiros poemas, selecionados a partir do trabalho publicado nos anos 70 e 80, quando Kathleen estava no final da adolescência ou somava vinte e poucos anos, sexualidade humana se mescla com natureza e animais, em locais tão distantes como a Austrália e o Masai Mara, enquanto poemas curtos, concisos, confrontam pontos morais por meio de distúrbios climáticos, da caça de animais selvagens e dos conflitos na Irlanda do Norte: “a alma do girassol / abrange a flauta e o tambor”. Já em 1991, quando a coletânea *Blue Light, Bay and College* foi finalista do Prêmio Governor General, na categoria Poesia, no Canadá, ela avança a passos largos, “vendo fogueiras crescerem” nos olhos do pai. Esses poemas já exibem a característica típica de instantâneos e a precisão fotográfica que haveriam de se “revelar” num fascínio pelo cinema e pela cinematografia, à medida que cresce a confiança feminina da autora. “Pensa na força / das tuas próprias mãos”, ela escreve em “O pesponto”. Imagens recorrentes de penugem, pássaros, asas e pipas definem um estilo de vida cujo preço é o exílio de Ontário, saudosa divisão entre o pai de sua filha e seu próprio pai. Nesse ponto, “Elegante de morrer” se destaca por ser um *tour de force* de sagacidade feminina, à moda inteligente de Rita Anne Higgins ou Nuala Ní Dhomhnaill, o duplo retrato de uma mulher que imita o pai fumando. Temos, também, a complexa sequência de excertos das experiências do tio paterno da autora durante a Segunda Guerra Mundial, escritos na voz do tio, a partir de 1942. Aqui a autora relaciona masculinidade e militarismo numa tapeçaria de lembranças visuais e encontros com a morte (“o quanto cheguei perto / de nunca mais voltar”), tudo tão preciso quanto as reflexões de Michael Longley acerca do pai herói e soldado.

Em *Mooncalves* (2007), o domínio que Kathleen exerce sobre a ventriloquia é aguçado numa série de monólogos dramáticos enunciados por tipos marginalizados, passados e contemporâneos, os chamados *freaks* e os párias exibidos em cortes reais e parques de diversão. Aqui, esses

The poems chosen from *Tattoo Land*, which constitute the final section in the selection, set off powerfully with excerpts from 'Snow Tea,' a long autobiographical poem which harks back to 'The Gauntlet Road.' This sequence of 'snapshots' builds a vivid family archive of the poet's parents' marriage and her early life with them, capturing once more the father's accents and her intimacy and synchronicity with him. Wings and images of flight are juxtaposed in filmic leaps from still to moving pictures. This is an elegant piece which has the austerity of Derek Mahon and the irony of Ciaran Carson. The final line of 'Will It Fly?', a poem which questions yet asserts the strengths of romantic love – 'I did not forget to kiss your soul' – expresses her very physical conviction of the spiritual. Comparably, while 'Tench' invokes the frequent 'fishing with my father' tradition and the sexualized 'trout' themes in Irish poetry, it also meditates on the metaphysical properties of that most elemental of substances, water: 'Luciferous zero... Water is the original / song of songs.' Cast as a sonnet, this collection's title poem reaffirms the poet's preoccupation with blended personalities and the fusions of love and spiritual bodying forth: 'my bones become you / our markings identical, their colours inverse.'

It is possible to read in those poems selected for *Double Self Portrait with Mirror* a movement from bereavement to resolution. For the poet, the elegy itself is consoling substitute. The elegist has accepted the use of language and the literary artefact as compensation for the loss. What we have here is the vital working through of the libidinal wreckage by the reality testing of the writer's will to master the situation, by hyper-remembering. Her story is a lament knit back into a living man, or men. The overwhelming spiral of desire ensures that the affective closure of mourning is a rebirth of eros involving the repression of the knowledge of death, even though she falls in love again with someone she realizes is equally mortal. What shines clear is that Kathleen has not ceased to examine the nature of lost love, which Freud, nine years after the death of his daughter, advocated thus: 'Although we know that after such a loss the acute state of mourning will subside, we also know we shall remain inconsolable and will never find a substitute. No matter

excluídos adquirem voz, suas histórias sendo efetivamente reinscritas na narrativa cultural. Observamos amplitude e destreza vocais quando Kathleen justapõe o comovente “Eng sozinho”, em que a morte de um gêmeo siamês sinaliza o final de uma união, e “Jennifer Miller, mulher barbada”, em que, desempenhando o tocante papel do artista mascarado, a voz lírica cita a sua própria “insaciável juba negra de cabelo judaico-quaker”. Esses poemas assinalam amadurecido engajamento poético com questões de políticas de gênero e oferecem incisiva investigação politizada acerca do nosso perene fascínio com o bizarro, o híbrido e o misterioso.

Os poemas selecionados do livro *Tatoo Land*, que constituem a seção final da coletânea, possibilitam uma arrancada potente, com excertos de “Chá com neve”, extenso poema autobiográfico que remete a “O corredor polonês”. Essa sequência de “instantâneos” constrói um expressivo arquivo familiar das bodas dos pais da poeta e do tempo em que ela, jovem, vivia com eles, captando novamente a voz do pai e a intimidade e o sincronismo entre filha e pai. Asas e imagens de voos são justapostas, em cortes filmicos, que vão desde visões estáticas a visões em movimento. Trata-se de um trabalho elegante que apresenta a austeridade de Derek Mahon e a ironia de Ciaran Carson. O verso final de “Vai voar?”, poema que questiona, mas também afirma, a força do amor romântico – “não esqueci de beijar tua alma” – expressa uma convicção física em relação ao espiritual. De maneira comparável, ao mesmo tempo em que invoca a recorrente tradição de “pesca[r] com meu pai”, bem como a “truta” enquanto tema erotizado na poesia irlandesa, “Tencas” propõe uma reflexão sobre as propriedades metafísicas da mais elementar das substâncias, a água: “Lucífero zero (...) Água é a original / canção das canções”. Estruturado como soneto, o poema que empresta seu título ao livro reafirma a preocupação da poeta com personalidades híbridas, e fusões de amor e manifestações espirituais: “meus ossos se tornam você / nossas marcas idênticas suas cores inversas”.

É possível perceber nos poemas selecionados em *Duplo autorretrato com espelho* um movimento que vai da privação à resolução. Para a poeta, a elegia, em si, constitui um consolo. A elegista aceita o uso da linguagem e o artefato literário como compensações pela perda. O que temos

what may fill the gap, even if it be filled completely, it nevertheless remains something else. And actually, this is how it should be. It is the only way of perpetuating love which we do not want to relinquish.’

More broadly, though, this fiery and potent blend of old and new writing offers Portuguese and English-speaking readers both an introduction to and a long overdue selection of Kathleen’s poetry. *Double Self Portrait with Mirror* showcases the artist in her fruitful prime. A bilingual edition of integrity and elegance, it will encourage a wider appreciation of her ongoing work as a Canadian poet of international repute, at the same moment as it marks the emergence of an important new voice in Brazil’s vibrant catalogue of contemporary literature in translation.

Medbh McGuckian

aqui é a ruína da libido sendo vitalmente superada pela prova de realidade constituída pela vontade da autora no sentido de dominar a situação recorrendo à hiper-lembrança. A história dela é um lamento tecido num homem, ou mais de um homem, vivo. A irresistível espiral de desejo garante que o desfecho afetivo do luto seja o renascimento do erotismo que envolve a repressão da consciência da morte, embora a poeta se apaixone mais uma vez por alguém que ela constata ser igualmente mortal. O que fica evidente é que Kathleen não parou de examinar a natureza do amor perdido, o qual Freud, nove anos após a morte da filha, assim advogou: “Embora saibamos que depois de uma morte dessas o estado de luto profundo haverá de decrescer, também sabemos que haveremos de permanecer inconsoláveis e que jamais encontraremos um substituto. A despeito de o que vier a preencher o vazio, mesmo que totalmente preenchido, será sempre algo diferente. E, com efeito, assim deve ser. É o único meio de perpetuar um amor do qual não queremos abrir mão”.

Em termos gerais, esta contundente e poderosa mescla de escritos novos e selecionados oferece aos falantes tanto de português como de inglês a coletânea da poesia de Kathleen que há muito tempo nos faltava. *Duplo autorretrato com espelho* exhibe a artista em seu profícuo auge. Edição bilíngue dotada de integridade e elegância, a coletânea haverá de incentivar a apreciação mais abrangente do trabalho em curso de Kathleen, na condição de poeta canadense com reputação internacional, ao mesmo tempo em que marca o surgimento de uma voz nova e importante no vibrante catálogo brasileiro de literatura contemporânea em tradução.

Medbh McGuckian

New Poems

Poemas novos

The Gauntlet Road

My father is driving north through snow
from Orangeville on to Primrose, Shelburne, Dundalk
where beyond the big bend at the cemetery
it's a straight run all the way
the old road scored
into the mind inside his mind
like some primal planisphere
or the photo of his daughter
stapled to the pickup's visor
but tonight it's falling heavy
and he's flanked by drifts and stark
wind devils, tailed by blizzards
heading into whiteout
the weatherman reporting
more to come, a storm front
bearing down across southwest Ontario
so he's looking out for signs
familiar shapes to guide him
since the centre and the shoulder lines
have dissolved in roiling columns
of hypnotic superfine grainflake
and he's thinking what would Freddy do
(Freddy who signed up and made it back
from the war without a scratch
who's not his brother but is more
a brother than the two who were)
wondering would he pull over
but keep the engine ticking

O corredor polonês

Meu pai está guiando para o norte embaixo de neve
de Orangeville até Primrose, Shelburne, Dundalk
onde depois da grande curva no cemitério
é uma reta só até
onde a velha estrada se entalhava
na mente dentro da mente dele
como um primevo planisfério
ou a fotografia da filha
grampeada ao quebra-sol da picape
mas nesta noite a precipitação está pesada
e ele se vê flanqueado por montes de neve e cruéis
demônios de vento, perseguido por nevascas
seguindo em direção ao branco total
o meteorologista informando
mais à vista, uma frente de tempestade
descendo pelo sudoeste de Ontário
então ele procura sinais
formas familiares que o guiem
pois as faixas centrais e do acostamento
dissolveram-se em colunas turbulentas
de hipnóticos e super finos flocos granulados
e ele pensa no que Freddy faria
(Freddy que se alistou e voltou
da guerra sem um arranhão
que não é seu irmão mas é mais
irmão que os dois que de fato eram)
perguntando-se se deveria encostar
e manter o motor ligado

or hold to driving, snowblind
and all the while there's this war inside his head
in the head inside his head
over how he doesn't know
what Freddy or the rest would do
(not his father scaling dirt tracks
in his maroon Model A
or his son whose red Camaro
kind of surfs the 401)
because they're not here
it's himself alone this time
dicing the ice stung blacktop
he's driven half his life
to that flare he's got a bead on
up ahead but still a ways off to the left
that might be marsh gas
foxfire, daybreak, porchlight
or another winter barn gone up in flames
and the horses, those same ones
the Talbot kids rode bareback
through last summer
spooked and out there too
running just like him the gauntlet road.

ou continuar dirigindo, cego pela neve
e o tempo todo aquela guerra dentro da cabeça dele
na cabeça dentro da cabeça dele
como é que ele não sabe
o que Freddy e os demais fariam
(nem o pai dele escalando estradas de terra
em seu Modelo A marrom
nem o filho cujo Camaro vermelho
parece surfar a 401)
porque eles não estão aqui
é ele sozinho desta vez
jogando com a capota preta picada pelo gelo,
que ele dirige há meia vida
em direção àquela chama por ele almejada
lá em cima mas ainda longe à esquerda
que talvez seja gás do pântano
fogo fátuo, o amanhecer, luz num pórtico
ou outro celeiro de inverno ardendo em chamas
e os cavalos, aqueles mesmos
que os filhos de Talbot montaram em pelo
ao longo do verão passado
assustados e lá fora também
correndo como ele pelo corredor polonês.

The Fast Healer

Because this wind holds ice inside
— omega discs, shrapnel chaff —
and I have given you to wear
my hood and sash and felted gloves
I shield your eyes with my bare hands
then turn against the isobars
and lay my body in its skins
loose along your showing bones,
here on the outer Mongolian steppe
the plumbless Northwest Passages
of our lost battles pass to you
a dream of honey, wax and oils
tungsten glow, antimony
to sup and savour as you go.

O célere curandeiro

Porque este vento tem gelo dentro
— discos de ômega, fragmentos de estilhaços —
e eu te cedi para que pudesses usar
meu capuz e cachecol e luvas de feltro
protejo teus olhos com minhas mãos nuas
e então me viro contra as linhas isobáricas
e estendo meu corpo em suas próprias peles
soltas ao longo dos teus ossos à mostra,
aqui na distante estepe mongol
as insondáveis Passagens do Noroeste
de nossas batalhas perdidas passam para ti
um sonho de mel, cera e óleos
brilho de tungstênio, antimônio
para sorver e saborear enquanto prossegues.

Calmly and with Animal Grace

Calmly and with animal grace
you put on the ochred cedar
mask, the robe of feathers.
There was to be a ceremony
and you knew it.
When the physicians scryed
they gave you four lean months
on the outside maybe six.
You noted their predictions
then in the acid light of winter
chose instead to shift
into Saint Francis standing shoeless
in the river's icy flow,
arms outspread and tendering
succour to the creatures,
let them settle in a sibilance
of wings and paws and furrowed horns.
Blessing them you came to be
the father of your own infant death,
nursed it up with blood and bone
and elemental humours
until, freestanding, it outgrew you
and you left it, hoodwinked, isolate
bleached figure scouring
one bleached cell
from which you, bowing kindly out,
had long since withheld the light.

Calmamente e com graça animal

Calmamente e com graça animal
você veste a máscara de cedro
ocre-vermelho, o manto de plumas.
Haveria uma cerimônia
e você sabia disso.
Quando profetizaram, os médicos
deram a você quatro míseros meses
no máximo talvez seis.
Você tomou nota das previsões
então à luz ácida do inverno
preferiu buscar
São Francisco descalço
na corrente do rio gelado,
braços abertos e oferecendo
amparo às criaturas,
que elas se acomodem numa sibilância
de asas e patas e chifres enrugados.
Abençoando-as você se tornou
pai da sua própria morte infantil,
alimentou-a com sangue e osso
e humores elementares
até que, livre, ela cresceu mais que você
e você a deixou, enganada, isolada
figura desbotada esfregando
uma célula desbotada
da qual você, retirando-se com uma medida,
havia muito ocultara a luz.

The Finger Bird

When our daughter was five
my father invented the finger bird.
Creature of one too many
birthdays, Christmases
New Years spent apart
it flew up into his hands
with the gusto of a new species
sprung from joyful Borneos.
Just outside her sight lines
he'd play it, meaty thumb and index
tip to tip tap tapping
a silent lingo she caught the drift of
instinctively and ran with it
feathers streaming
through ecstasies of giggles
to this place now where aged sixteen
fingers flashing she talks to him
in sign languages
that private, long distance connection
irreversibly open.

O dedo do passarinho

Quando nossa filha tinha cinco anos
meu pai inventou o dedo do passarinho.
Criatura de um excesso
de aniversários, Natais
Anos Novos separados
o passarinho voou até as mãos dele
com o ânimo de uma nova espécie
brotada das alegres Bornéus.
Ligeiramente fora da visão periférica dela
ele brincava com os dedos, polegar e indicador carnudos
ponta com ponta apontando
uma linguagem silenciosa que ela captava
instintivamente e com ela corria
penas esvoaçando
em meio a êxtases de risadinhas
até esse lugar agora onde aos dezesseis anos
dedos dedilhando ela conversa com ele
nas línguas dos sinais
aquela ligação particular, de longa distância
irreversivelmente aberta.

My Father's Heart

He wasn't there when I was born
I wasn't there the day he died

the pair of us latecomers
to one another's entrances and exits.

So it was and yet when it came down
to speaking parts

long distance calls, darkling
redwood conversations

adlibs invented on a dime
we seldom missed the mark

our different languages
edged in equivalence:

kokoro, corazon
heart of hearts.

I have a bird inside my chest
to match his own arrhythmic animal

fluted wild wing creature
fluttering in electric flight

O coração do meu pai

Ele não estava lá quando eu nasci
eu não estava lá quando ele morreu

a nossa dupla de retardatários
nas nossas entradas e saídas.

Assim foi mas quando se tratava
de papéis falados

chamadas de longa distância, conversas
no escuro das sequoias

improvisos inventados em cima da hora
raramente errávamos o alvo

nossos idiomas diferentes
enquadrados em equivalência:

kokoro, corazon
coração dos corações.

Eu tenho um pássaro dentro do peito
para combinar com o animal arritmico dele

criatura-flauta de asa selvagem
flutuando num voo elétrico

the selfsame bird descended
spoke and settled

on the cusp of my arrival
at the hour of his departure.

o mesmo pássaro descendeu
falou e pousou

no instante da minha chegada
na hora da partida dele.

‘For Us To Live a Star Must Die’

He might be right, the English physicist.
So much luminous intelligence
such exuberant good looks
seem hard to argue with
but what if he’s missed the point
of time’s arrow and its tendency to chaos,
all that down to the ground sound
evidence the planet’s earthworks
are bent on listing, tilting
drifting westward into sandflats?

What if none of it’s about
straight lines
and my father who died last year
on the cusp of summer
the brightest solstice day in history
(who we buried under lilies
our cut hair
in his breast pocket)
could it be that he’s not dead at all
but moving through me faster
than the measured light that’s said
to travel ever outbound?

“Para vivermos uma estrela deve morrer”

Ele talvez esteja certo, o físico inglês.
Tanta inteligência luminosa
tantos exuberantes belos traços
parecem dificultar qualquer oposição
mas e se ele não viu o ponto
da seta do tempo e a tendência dela ao caos,
toda aquela mais que sólida
evidência que as terras do planeta
estão dispostas a pender, inclinando
sendo levadas para o oeste rumo aos areais?

E se nada tem a ver com
linhas retas
e meu pai que morreu no ano passado
no auge do verão
no solstício mais brilhante da história
(que enterramos embaixo de lírios
nossos cabelos cortados
no bolso do paletó)
será que ele não está morto
mas avançando através de mim mais rápido
que a luz medida cuja viagem segundo dizem
é sempre só de ida?

And when you kiss the crush
of strawberries from my lips
is it something more than carbon
something closer to the circulating
fleet and living heat of stars
you taste?

E quando você beija o suco
dos morangos nos meus lábios
será algo mais que carbono
algo mais próximo que o calor circulante
vivo e fugaz das estrelas
que você degusta?

Zero Midspan Bending Moment

Imagine two pyramids, their separate peaks
supporting two horizontal lines
aslant but balanced
in dramatic counterweight.

Imagine a river, its white force
pressing the pyramids for explanations
as if they were not steadfast stalwarts
enamored of the floodplain.

Imagine at the centre point
that fraction of a hair's breadth
where the lines are drawn to meet but don't
a slight, invisible hump — a hillock in a gap.

This is where we build our house.
Zero midspan bending moment.
As if it might yet be possible
to outsmart the laws of gravity and love

as if amidst the midway's lustrous wreckage
we could stand together
tracking planes, scouting trains
on the bridge our joined hands make.

Momento fletor central zero

Imagine duas pirâmides, seus vértices separados
sustentando duas linhas horizontais
enviesadas mas equilibradas
em dramático contrapeso.

Imagine um rio, sua força branca
pressionando as pirâmides por explicações
como se elas não fossem decididas defensoras
apaixonadas pela planície aluvial.

Imagine no ponto central
aquela fração da espessura de um cabelo
onde as linhas devem se encontrar mas não o fazem
uma leve, invisível corcova – um morrinho numa fenda.

É ali que construímos nossa casa.
Momento fletor central zero.
Como se ainda fosse possível
enganar as leis da gravidade e do amor

como se no meio do meio do lustroso naufrágio
pudéssemos ficar juntos
observando aviões, contando trens
na ponte de nossas mãos unidas.

The Sun Inside

Because it is your birthday
but not only that

I give it to you
alive and burning

passion's centrifugal daystar
grazing the equator's plane.

Call it the sun if you will
to me it is the sum and substance

of all the constellations
we have yet to glass

each of them, sea-of-my-mouth
ours for the naming.

O sol dentro

Porque é teu aniversário
mas não só por isso

eu te dou o mistério
vivo e ardente

estrela da manhã centrífuga da paixão
arranhando a planície do Equador.

Chames de sol se quiseres
para mim é soma e substância

de todas as constelações
que ainda temos de descobrir

cada uma delas, mar-da-minha-boca
que a nós cabe nomear.

Something about Horses

His walk is the walk of a man
facing into the wind, blue
norther with a hint of snow

his voyageur heart
set on finding
the edge of the edge
or the pine tree
at the cartographic centre
of the USA —
Lebanon, Kansas.

His walk is the walk
of rustlers, hustlers
wranglers, cutters
vaquero reinsmen
old time believers in
bosal, mecate
whispering.

His walk walked out
of a border ballad
bandit *corridos*
Arapaho yodels.

His walk is a backlit
black & white saunter
down Main Street

Algo a ver com cavalos

O andar dele é o andar de um homem
encarando o vento, azul
do norte com um indício de neve

seu coração de viajante
decidido a encontrar
o limite do limite
ou o pinheiro
no centro cartográfico
dos EUA —
Lebanon, Kansas.

O andar dele é o andar
de ladrões, larápios
caubóis, vaqueiros
peões boiadeiros
velhos crédulos em
sussurros
à focinheira, à rédea.

O andar dele saiu andando
de uma balada de fronteira
de corridos de bandidos
de gritos de Arapahos.

O andar dele é um passeio
preto & branco retroiluminado
descendo a Main Street

past the pool hall
the pickup truck
the picture show.

His walk has heels on
Mexican, Texan, Cuban
they echoed oddly
that time at Coney Island
nails in the boardwalk
a tunnel by the sea.

His walk walked miles
while he talked to himself
told stories about
mission stiffs, grainers
the liberty bell.

His walk gave him snake hips
a defiant turn against
his own centres of gravity.

All weathers his walk
took him west

it had Wenatchee
it had Wyoming
it had something about horses
written all over it.

passando pelo salão de sinuca
pela picape
pelo cinema.

O andar dele tem saltos
mexicanos, texanos, cubanos
eles ecoaram estranhamente
naquela vez em Coney Island
pregos no calçadão
um túnel à beira-mar.

O andar dele andou milhas
enquanto ele falava consigo mesmo
contava histórias sobre
os sem-teto, trens de grãos
o sino da liberdade.

O andar dele lhe conferia quadris de cobra
uma curva que desafiava
seus próprios centros de gravidade.

Sol ou chuva o andar dele
o conduzia ao oeste

tinha Wenatchee
tinha Wyoming
tinha algo a ver com cavalo
ali escrito do começo ao fim.

O Boneca, O Periquito

for Beatriz & Marcelo

Leônidas has saddled up the quarter horses.

Midmorning on the Fazenda Arantes
and we are ready to ride out
through *sertão* to the ecru cattle

Nelore

where they graze the teaklands
two hundred thousand saplings
their bone dry leaves
jostling the flat calm.

I am riding Boneca, The Doll
you have Periquito, The Parakeet.
One a long drink of water
the other a firecracker.

Beatriz, Our Lady of the Hinterlands,
has Pássaro Preto, The Blackbird.
Lance has Easy Rider.

Cavalo, cavalo, cavalo
the dry winds speak of carnivals, carousels
Alazão, alazão, alazão
a roan mare, a bay stallion.

Ô boneca, ô periquito

para Beatriz & Marcelo

Leônidas encilhou os quartos de milha.

Meio da manhã na Fazenda Arantes
e estamos prontos para cavalgar
pelo sertão até o gado de linho cru
Nelore
onde pastam nos campos de teca
duzentas mil hastes
folhas secas como ossos
cutucando a calma.

Eu monto a Boneca,
você monta o Periquito.
Uma é longo gole d'água
outro é fogo de artifício.

Beatriz, nossa Dama do Sertão,
monta o Pássaro Preto,
Lance monta Easy Rider.

Cavalo, cavalo, cavalo
o vento seco fala de carnavais, carrosséis
Alazão, alazão, alazão
uma égua ruça, um garanhão baio.

The next day we trade horses.
I want to try The Parakeet
you are ready for The Doll.

Four fields back the toucans
flying in formation
a pair of hawks
two mustangs, feral and just
down from the range.

We have each married
something out here
on the red dirt roads
under the purple *sucupira* trees

it has no name but even so
we take it to heart
cleave to it as though
it were our own.

No dia seguinte trocamos de cavalos.
Eu quero experimentar o Periquito
você está pronto para a Boneca.

Quatro campos atrás tucanos
voando em formação
um casal de gaviões
dois mustangues, ferais e
recém-chegados dos pastos.

Cada um de nós se casou
com alguma coisa aqui
nas estradas de terra vermelha
embaixo das sucupiras roxas

não tem nome mas mesmo assim
a levamos no coração
apegamo-nos a ela como se
fosse nossa.

Glacier Still

You touch me
and rain falls

We can drive no further

Lightning rides roughshod
over the Three Sisters
the Three Nuns

thunder barrel racing
the Rockies where they circle
Canmore

We can drive no further
this night,
bed down under pine and juniper
a stone's throw
from the CN tracks
the trains yelping and slicing
their way west

I tell you about the trains
at Tempe, a comet called
Hyakutake
bent backwards over the Anza Borrego,
Edward Abbey's lament
for Glen Canyon

Silêncio da geleira

Você me toca
e a chuva cai

Não podemos guiar adiante

Raio cavalga com ferradura
por cima das Três Irmãs
as Três Freiras

Trovão correndo em redor
das Rochosas onde elas circundam
Canmore

Não podemos guiar adiante
esta noite,
acampamos embaixo de pinheiros e juníperos
bem perto
dos trilhos da CN
os trens uivando e cortando
a caminho do oeste

Eu conto sobre os trens
em Tempe, um cometa chamado
Hyakutake
no sentido contrário sobre o Anza Borrego,
lamento de Edward Abbey
por Glen Canyon

You say
Havre, Whitefish, Spokaloo

In the morning a rogue star
scales the rimrock

Rangemen talk of feral horses
Appaloosas
ready to be brought down
from the Ghost Mountains

For three days
we are too busy measuring
light and distance
to notice there is no delivery

some failure
some elusion

even the outriders
don't come back

But in the glacier still
we hear their voices
the men speaking
softly, luring the horses
with language

the horses
blowing and muttering
throwing their speckled
masterless retorts

There is everything of love
and anguish

Você diz
Havre, Whitefish, Spokaloo

De manhã uma estrela vadia
escala o pontal da serra

Vaqueiros conversam sobre cavalos ferais
Appaloosas
prontos para serem trazidos
das Montanhas Fantasma

Por três dias
ficamos tão ocupados medindo
luz e distância
que não notamos que não há entrega

alguma falha
algum ardil

mesmo os batedores
não retornam

Mas no silêncio da geleira
ouvimos as vozes deles
os homens falando
baixo, atraindo os cavalos
com linguagem

os cavalos
bufando e resmungando
lançando suas manchadas
desgovernadas respostas

Há tudo de amor
e angústia

in what they do and do not say
to one another

You touch me
and rain falls

Thunder rolls back
lightning dries
to a sullen wink
behind Windtower

We can drive no further

We are here to stay

no que eles dizem ou não
uns aos outros

Você me toca
e a chuva cai

Trovão recua
raio seca
numa sombria piscadela
por trás da Windtower

Não podemos guiar adiante

Vamos ficar aqui

Mustangs: A Preamble

The *Mustangs* sequence has its origin in a speculative, playful conversation about the possibility that a poem might consist of just one word. That discussion set me to wondering which word, of all the words, might have enough gravitas, complexity and humour to carry an entire story. Like most writers, I am fascinated by the etymologies and the polyvalent meanings of words, where they come from and what they are evolving into. I was excited by the possibility of a single word conveying a complete poem, existing in its articulation as a palimpsest of actions, meditations, viewpoints and observations, its sound blowing a riff on its sense.

It wasn't too surprising that, once I'd lived with the idea for a day or two, the word which presented itself was 'mustang.' I'd long been enamoured of its hum and slide, its plosive ripples on the tongue and in the ear. I was also aware of its source in the Spanish *mesteno*, meaning 'stray or feral beast,' and of its deeper roots in the Latin *animalia mixta*, mixed animals of uncertain lineage and affiliation. A wandering, hybrid creature then, the mustang, one that seemed to stand not just for my own itinerant and transgressive ways, but in a sense the history of the North and South American continents. We are all *mestenos* in the New World.

And then there was my lifelong obsession with horses, real and imagined. I'd been crazy about horses since I was a kid, had ridden some and observed many. Alongside that, I was a child of the 1960s, in love with the myths of the Old West and the promises of the New West, and the mustang horse and its pop culture namesakes were symbols of those places and states of mind. I'd grown up with movies and stories about classy open road Mustang convertibles and even classier silver warbirds, the P-51 Mustang American fighter planes my father and his

Mustangues: preâmbulo

A sequência *Mustangues* teve origem numa conversa especulativa e jocosa acerca da possibilidade de um poema ser constituído por apenas uma palavra. A discussão me fez pensar qual palavra, entre todas as palavras, possuiria peso, complexidade e humor suficientes para contar uma história inteira. A exemplo da maioria dos escritores, sou fascinada pela etimologia e polissemia das palavras, pela sua origem e seu destino. Entusiasmei-me com a possibilidade de uma única palavra exprimir um poema inteiro, existindo, em sua articulação, como um palimpsesto de ações, reflexões, pontos de vista e observações, o som soprando um *riff* no sentido.

Não foi muito surpreendente que, depois de conviver um ou dois dias com a ideia, a palavra que se apresentasse fosse “mustangue”. Fazia tempo que eu me encantava com o cantarolar e o deslizar dessa palavra, com suas ondulações positivas na língua e no ouvido. Eu estava também ciente da sua origem, em espanhol, *mesteno*, significando “animal solto, ou selvagem”, e das raízes mais profundas, em latim, *animaliamixta*, animais híbridos, de linhagem e filiação incerta. Criatura errante e híbrida, portanto, o mustangue parecia representar não apenas os meus hábitos itinerantes e transgressivos, mas, de certo modo, a história dos continentes Norte e Sul-americano. Somos todos *mestenos* no Novo Mundo.

E ainda havia a minha eterna obsessão por cavalos, reais e imaginários. Desde menina, fui apaixonada por cavalos, tendo montado alguns e observado muitos. Além disso, fui criança nos anos 60, cativada pelos mitos do Velho Oeste e promessas do Novo Oeste, e o cavalo mustangue e seus homônimos na cultura pop eram símbolos daqueles locais e estados de espírito. Cresci com filmes e histórias acerca dos charmosos Mustangs conversíveis, e dos ainda mais charmosos Mustangs P-51, os

brothers, who'd survived World War II, considered key to the Allied victory. 'Mustang' was the word with all the stories.

When I wrote the first *Mustang* – 'Poem Telling a Story in One Word // mustang' – there was no thought of a sequence. I just figured I'd set down a quirky, one-off, one-liner – a bit of fun, an in-joke. But it wouldn't rest and before long I had written what is now the final poem in the sequence. 'Double Self Portrait with Mirror' was occasioned by a photographic portrait in which the subject is seen, split screen fashion, from two differently reflected angles. That photo started me thinking about Mustang as a shadowy, bifurcated, shapeshifting trickster, part horse, part cowboy, lonely and haunted and drifting through the heartlands and the hinterlands of the Canadian and American West. To what extent these poems indulge in self-portraiture or autobiography is not for me to say, but as the Mustang figure emerged it became clear he was in some measure an alter-self, an idealized yet flawed male who, nevertheless, had his own independent rhythms and dynamic. This doubleness was embodied in the two-line form, a distant relative of the haiku and the couplet, though only occasionally rhymed or carrying any regular metre. The sole rule I imposed was that the word 'mustang' had to appear at least once, either in the title or in the body of each poem.

From the first few poems the link with visual art was implicit. Initially I thought of each one as a short film, but as the two-line form established itself it became obvious that these short poems were more akin to still photographs than moving pictures. If the ultimate film is one frame in duration, the single cell that hones the action down to a frozen moment captured in one twenty-fourth of a second, but that may last as long as the viewer chooses to gaze, then the *Mustangs* are a series not of short films but of still photographs, each containing its own layered narrative lines.

Pássaros de Prata, aviões de combate norte-americanos, os quais meu pai e seus irmãos, sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, consideravam elementos-chave da vitória Aliada. “Mustangue” era a palavra com todas as histórias.

Quando escrevi o primeiro *Mustangue* – “Poema contando uma história em uma palavra // mustangue” –, não existia a ideia de uma sequência. Eu achava que escreveria apenas algo incomum, único, uma palavra – algo divertido, uma piadinha interna. Mas a ideia não sossegava, e em pouco tempo eu já havia escrito o poema que encerra a sequência. “Duplo Autorretrato com Espelho” foi ocasionado por um retrato fotográfico no qual o objeto é visto, em dois quadros simultâneos, a partir de dois ângulos diferentes refletidos. A fotografia me fez pensar no mustangue, um ladino sombrio, dividido em dois, mutante, parte cavalo, parte vaqueiro, solitário e atormentado, perambulando pelo interior e pelo agreste do oeste canadense e norte-americano. Até que ponto esses poemas se rendem ao autorretrato ou à autobiografia não me cabe dizer, mas, à medida que o mustangue surgia, ficou claro que era, de certo modo, um *alterego*, uma figura masculina, ao mesmo tempo, idealizada e com falhas, mas que possuía os seus próprios ritmos e dinâmica. Tal duplicidade foi encarnada na forma de dois versos, parentes distantes do haikai e do dístico, ainda que raramente rimados ou com métrica regular. A única regra por mim imposta foi que a palavra “mustangue” aparecesse ao menos uma vez, no título ou no corpo do poema.

Desde os primeiros poemas, a ligação com as artes visuais esteve implícita. De início, pensei em cada poema como um curta-metragem, mas, à medida que a forma de dois versos se estabelecia, ficou óbvio que os poemas breves se assemelhavam mais a fotografias que a filmes. Se, em última instância, o filme dura um fotograma, célula que destila a ação em um instante, capturado em um vinte e quatro avos de segundo, mas que pode durar o tempo que o espectador quiser, então, *Mustangues* não é uma série de curtas, mas de fotografias, cada uma contendo as suas próprias camadas de linhas narrativas.

Mustangs

Poem Telling a Story in One Word

mustang

Cajon Pass

mustang with his ear to the ground, listening out
the Santa Fe or his own heart's lamentation

And the Lassos Lie Where They Fell

mustang with his muzzle in the river
guzzling fords and gullies to the lees

Mustang Leaving Ioway

which hat to put on this day
open road Stetson or rebel gray?

Mustang at the Medicine Line

a surge of nothing
stroking his half-Canadian hide

Mustangues

Poema contando história em uma palavra

mustangue

Passo Cajon

mustangue com a orelha no solo, escutando
o lamento de Santa Fé ou de seu próprio coração

E os laços ficam onde caíram

mustangue com o focinho no rio
sorvendo vaus e canais até a última gota

Mustangue saindo de Ioway

Que chapéu usar naquele dia
Stetson *open road* ou cinza-rebeldia?

Mustangue na fronteira

um surto de nada
acariciando seu couro meio-canadense

Born in a Blizzard

on the brink of March, that snowstorm story
mustang's lifeline, fate's quarry

Blue Yodel

mustang's adrenalized *cri de coeur*
torn from the west inside the west

Mustang Melodyned

shocked by the timbre of his own voice
a honey tenor dicing with the gods

Mustang and Miss Midnight Blue

the two-door parked in her driveway
chrome strips humming a killer tune

San Antonio New Year's

mustang mid-river with fortune's filly
exchanging Hollywood kisses

Horse Heaven Hills

trying hard to imagine such hills and hollers
mustang buckled up with desire

Nascido na nevasca

à beira de março, aquela história da nevasca
linha da vida de mustangue, presa do destino

Falsete triste

cri de coeur de mustangue com adrenalina
arrancado do oeste dentro do oeste

Mustangue com Melodyne

chocado com o timbre de sua própria voz
um doce tenor jogando dados com os deuses

Mustangue e Miss Midnight Blue

o duas-portas parado na frente da garagem dela
frisos de cromo zumbindo uma canção assassina

Ano Novo em San Antonio

mustangue no meio do rio com a potranca da fortuna
trocando beijos hollywoodianos

Colinas Horse Heaven

tentando imaginar aquelas colinas e vales
mustangue afivelado pelo desejo

Mustang at Melancthon

the wind farms again
a swathe of gentle crucifixions

Favoured by Wishbone Skies

mestengis the Polish airmen called them
those unbreakable mercury bodies they kissed to flight

Mustang Meets Rocket Girl

on the cinder trail where the waterfall sings
her shape the rustle of a blue jay's wing

Bayou Cockcrow

mustang with his head in the clouds
the Camaro's radio cranked louder than loud

Mustang at Bonneville

flat out on the salt flats, even the whites
bleached to acetylene blue

The Lay of the Land

mustang amazed how when it came
to actual canyons, she'd be first to leap

Mustangue em Melancthon

as estações eólicas novamente
uma faixa de suaves crucificações

Favorecidos pelos céus de brigadeiro

mestengis os pilotos poloneses os chamavam
aqueles inquebráveis corpos de mercúrio beijados antes de voar

Mustangue encontra a Garota-Foguete

na trilha das cinzas onde canta a cascata
a forma dela o som da asa de um gaio-azul

Alvorada no Bayou

mustangue com a cabeça nas nuvens
o rádio do Camaro soltando uivos

Mustangue em Bonneville

aplainado nas planícies de sal, até os brancos
desbotados em azul acetileno

O traço da terra

mustangue abismada como tratando-se
de cânions reais, ela seria a primeira a pular

Freeze Frame

barrel deep between oats and barley
mustang stymied by the lux of choice

Alberta Aubade

stretched out under solar light, mustang's
skin and bones absorbing the contours of another

Long Distance Collect

under the star-spangled canopy
mustang calling home to Canada

Mustang Making Butte

netted by electric storms
her voice a thorn welcoming him home

The Clippity Clop Factor

mustang trip-trapped by slant Texas rhyme
or the swing in the tail of a mare in her prime

Mustang's Scar

tobacco cinders kiss the back of a hand
night flight token, full moon brand

Imagem congelada

enterrado entre barris de aveia e cevada
mustangue frustrado pela fartura de escolhas

Aubade de Alberta

estirados sob a luz solar, pele e ossos
de mustangue absorvendo os contornos do outro

Interurbano a cobrar

embaixo do toldo salpicado de estrelas
mustangue telefonando para casa no Canadá

Mustangue chegando em Butte

aprisionado por tempestades elétricas
a voz dela é um espinho que o acolhe em casa

O fator pocotó

mustangue enredado numa torta, texana rima
ou no balanço da cauda de uma égua prima

Cicatriz de Mustangue

cinzas de tabaco beijam as costas da mão
sinal de voo noturno, lua cheia indicação

Outside Okotoks

stalking satellites over the zero meadow
mustang flanked by the fox's shadow

Acabar

mustang gone so far west
he has erased his own absence

Mustang's Moniker

fiddle strains on the Oklahoma night
accompaniment to the ballad of Gideon Light

Double Self Portrait with Mirror

who's the mustang?
is it you or is it me?

Arredores de Okotoks

espreitando satélites acima do prado gelado
mustangue pela sombra da raposa ladeado

Acabar

mustangue foi tão longe no oeste
que apagou sua própria existência

Codinome de Mustangue

na noite de Oklahoma melodias de violino
a balada de Gideon Light segue um hino

Duplo autorretrato com espelho

quem é o mustangue?
é você ou sou eu?

Early Poems (1978–1988)

Primeiros poemas
(1978–1988)

The Constancy of Objects

The poem refuses to be
bound by the white perimeters of itself.

Like the killdeer's freckled eggs
camouflaged on a scrape of sand
it is there
and not there.

Sunstroked and lording it
over the raked rock garden
the malachite tiger
(a gift from Russia)
is another story
altogether.

A constância dos objetos

O poema se recusa a ser
contido pelos seus próprios perímetros brancos.

Qual os ovos sardentos do borrelho
camuflados num sulco de areia
lá está ele
e lá já não está.

Acariciado pelo sol e dominando
o jardim de pedras polidas
o tigre de malaquita
(um presente da Rússia)
é outra história
totalmente.

Howe Sound

Beyond these windows the whales are singing.

You touch me in the night
tell me to listen —
low frequency clicks and cries,
sonar light.

I know the upward thrust
humped backs peeling
the day's light open,
the drive down
where mammal flesh
involves with salt.

Theirs the sigh of deep
sea bells unfolding, ringing
cut by the harpoon's clipped
load and fire.

Out on the Sound
whale clamour, whale lament —

I wake with their weeping
tangled in my throat.

Estreito de Howe

Além destas janelas as baleias estão cantando.

Você me toca na noite
me diz que escute —
estalos e gritos em baixa frequência,
luz sonar.

Conheço o impulso para cima
dorsos corcundas descascando
a luz do dia que se abre,
a investida para baixo
onde carne mamífera
envolve-se com sal.

Delas o suspiro de profundos
sinos do mar desdobrando, tocando
cortados pela carga e pelo fogo
aparado do arpão.

Lá longe no Estreito
clamor de baleia, lamento de baleia —

Desperto com o choro delas
enrolado em minha garganta.

Ursa Major

The great bear has swatted the sun from the sky.

Under his turning paw
villagers hammer ivory and ice
move in darkness
taking off and putting on
one another's winter faces.

An engraver etches sunbirds on stone
makes the blowing wings
yellow.

Hunters returning from the south
bring maps from below
the equator's band, regions where
herdsmen inhale the sun's pressure

feel the masked bear stir
in the rocking sky.

Ursa Maior

A grande ursa tirou o sol do céu com um tapa.

Embaixo de sua pata virada
aldeões martelam marfim e gelo
movem-se no escuro
despindo e vestindo
os rostos invernaís uns dos outros.

Um escultor entalha colibris em pedra
faz as asas esvoaçantes
amarelas.

Caçadores voltando do sul
trazem mapas lá debaixo
da linha do Equador, regiões onde
pastores aspiram a pressão do sol

sentem a ursa mascarada se agitar
no céu balançante.

Dakotas, 1878

At your feet
the gaping plains
littered with bleached
buffalo bones.

We become the wolves
circling your last stand
hungry for marrow.

Look close, General Sheridan

the tooth marks
on those
thinning skeletons
are your own.

Dakotas, 1878

Aos teus pés
as campinas boquiabertas
sujas de ossos de búfalo
branqueados.

Nós nos tornamos os lobos
cercando teu último bastião
famintos por medula.

Olha bem, General Sheridan

as marcas de dentes
naqueles
esqueletos magricelos
são tuas.

Liberty, Idaho, 1934

Seven old women
on a lawn
fenced off
for growing older
build churches
from chalk white
road stones.

Only one
sees the hawk.

From the steeple's blistered spire
she sends up a flare
and catches a ride
out.

Liberty, Idaho, 1934

Sete velhas
num gramado
cercado
para ali envelhecerem
constroem igrejas
com pedras da estrada
brancas feito giz.

Somente uma
vê o gavião.

Da torre do campanário com pústulas
ela dispara uma luz sinalizadora
e pega uma carona
embora.

Ghazal of the Hunt

On spotted grasslands painted gazelle
duck and dive through beating air

Topi, eland, hartebeest
slip the hyena's canny snare

Where lions feed roan antelope tumble
through the savanna's ash blonde hair

Falcon lifts a bat-eared kit
rinses the vixen's hearing with silence

Zebra mares bark and bray
nervous moons forecast violence

Propeller blades churn Talek water
trouble The Mara's inviolate balance

Ghazal da caçada

Em prados manchados gazelas pintadas
se esquivam e mergulham no ar que esbofeteia

Topis, elandes, búbalos
escapam do ardid astuto da hiena

Onde comem leões antílopes malhados
tombam no louro pelo da savana

Falcão leva o filhote com orelha de morcego
lava a audição da raposa com silêncio

Zebras fêmeas zurram e relinham
luas nervosas prenunciam violência

Hélices agitam a água do Talek
perturbam o inviolável equilíbrio do Mara

The Sunflower Describes Itself This Way

a hand thrust into
a box of fire

a singular season
revolving

an old astronomer
bent by the dial

along the rows where the sunflower grows
the misanthropist feels at home

a saintly beggar
sleeps in the tall shade

the sunflower converses —
an orchestra of assertions

staccato summers
repeat a burning rhythm

mornings of birds
unravel the sunflower

its ripe eye
is a jealous invitation

O girassol assim se descreve

mão enfiada numa
caixa de fogo

estação singular
revolvendo

velho astrônomo
curvado ao lado do disco

ao longo das fileiras onde o girassol cresce
o misantropo se sente em casa

um mendigo santo
dorme na sombra alongada

o girassol dialoga —
uma orquestra de asserções

verões em *staccato*
repetem um ritmo ardente

manhãs de pássaros
desençam o girassol

seu olho maduro
é um convite ciumento

the soul of the sunflower
encompasses the flute and the drum

worlds decay, the turning sunflower
invents another yellow garden

a alma do girassol
abrange a flauta e o tambor

mundos se deterioram, o girassol giratório
inventa outro jardim amarelo

There Are No Castles in Australia

There are no castles in Australia
no limestone turrets
to cleave a floating moon.

Here a different light intrudes
kindles an ochre junction
where shadow and rock
blazon the outback's
balladry.

Here the Magellanic Clouds
travel an inverted sky.
Opal, gold they mimic
the mineral earth,
at daybreak set seaward

while we, two northern wayfarers,
see in the January heat
towers, a drawbridge

rise to an invented
fall of snow.

Não há castelos na Austrália

Não há castelos na Austrália
nem torres de calcário
para lascar uma lua flutuante.

Aqui uma luz diferente se intromete
acende um cruzamento ocre
onde sombra e rocha
adornam as baladas
do *outback*.

Aqui as Nuvens de Magalhães
viajam por um céu invertido.
Opalas, douradas elas imitam
a terra mineral,
ao amanhecer em direção ao mar

enquanto nós, dois viajantes do norte,
vemos no calor de janeiro
torres, uma ponte levadiça

erguerem-se numa inventada
queda de neve.

Blue Light, Bay and College
(1991)

Blue Light, Bay and College
(1991)

Dundalk, 1965

When I catch a whiff of Brylcream on the pillow sham
I know you've been here again

Sometimes there are feathers in the bathtub
turpentine bleeding into terry towels

On winter afternoons thin racks
of du Maurier smoke
cloud the back of the shop

I hear you cough, hunkering next to a crate
of Grade A unripened Chiquita bananas
butcher's apron hiked like a surgeon's gown

Then it's as though you've never been away, Daddy
and I'm your favourite daughter
watching bonfires build in your eyes

And there's no distance, no distance at all
between your side of the street and mine

Dundalk, 1965

Quando percebo um cheirinho de Brylcream na almofada
sei que você esteve aqui outra vez

Às vezes encontro penas na banheira
terebintina sangrando nas toalhas de banho

Nas tardes de inverno finas camadas
de fumaça do Maurier
nublam o fundo da loja

Ouço você tossir, agachado ao lado de um caixote
de bananas Chiquitas tipo A verdes
avental de açougueiro torto como o de um cirurgião

Então é como se você nunca tivesse ido embora, Papai
e sou sua filha preferida
vendo fogueiras crescerem nos seus olhos

E não há distância, distância alguma
entre o seu lado da rua e o meu

Snaps

I

Driving through rainsheets
we enter Nebraska in a fanfare
of green light.

He is learning to read maps
and I am pointing to a barn
with the roof blown off,
broad beams open to the falling sky.

II

Trying to reconstruct the profile:
how he studied faces
without looking away from his hands
cradling the embered cigarette.

III

Silos: sailors. Grain elevators. A Shawnee
saluting a skeletal transmission tower.

The midwest is linear, horizontal, parallel.

Instantâneos

I

Atravessando cortinas de chuva
entramos em Nebraska numa fanfarra
de luz verde.

Ele está aprendendo a ler mapas
e eu estou apontando um celeiro
cujo telhado voou pelos ares,
vigas largas abertas ao céu cadente.

II

Tentando reconstruir o perfil:
como ele estudava rostos
sem desviar o olhar das próprias mãos
embalando o cigarro em brasa.

III

Silos: marujos. Elevadores de grãos. Um Shawnee
saudando uma esquelética torre de transmissão.

O meio-oeste é linear, horizontal, paralelo.

Picture it. Two roads unable to cross.
Hold it one sixteenth
of a second. And move on.

IV

Somewhere in the middle distance
a window opens:
the memory of a yellow bird
singing in the suns of Tennessee
keeps off the cold.

His blue voice combs the mares' tails clouds
where in the latest photograph
they exit the frame.

Visualize. Duas estradas incapazes de se cruzarem.
Segure por um dezesseis avos
de segundo. E vá em frente.

IV

Em algum local a meia distância
uma janela se abre:
a lembrança de um pássaro amarelo
cantando aos sóis do Tennessee
mantém longe o frio.

Sua voz triste penteia as nuvens rabos de égua
onde na fotografia mais recente
elas saem do quadro.

The Stitching

I

I have been sewn up. Stitched
into a burlap sack big enough for carrying
oats or beetroot to market.

A burlak ferries me to the river.
He wears a blue tuxedo and wedding rings
on every finger.

Gerald's proverbial man-ox, he has me
balanced like wings or a yoke
on his gathered shoulders.

In my linen surplice and bare feet
I am lighter than a hat full of feathers
and I know he will forget my slender weight
as I tumble into the heifer-swallowing Volga.

II

Opening the seams, lowering the hem
reinforcing darts and gussets —
our mother's ivory wedding gown

O pesponto

I

Fui costurada. Pespontada
num saco de aniagem capaz de transportar
cereais ou beterraba até o mercado.

Um *burlak* me carrega até o rio.
Ele usa paletó a rigor azul e alianças
em todos os dedos.

Homem-boi proverbial de Gerald, ele me
equilibra como asas ou uma canga
sobre seus ombros contraídos.

Em minha sobrepeliz de linho e pés descalços
sou mais leve que um chapéu cheio de penas
e sei que ele vai esquecer meu peso escasso
enquanto eu caio no Volga engolidor de novilha.

II

Abrindo as costuras, baixando a bainha
reforçando pences e pregas —
o vestido de noiva marfim de nossa mãe

becomes you, my sister stepping out
into the Caspian light.
Everything your bridegroom promises

bears the marks of justice.
Each gift he makes will be translated
into the warp and weft

of your growing days. Think of the strength
in your own hands. Remember our mother
swimming against the current

our strange selves stitched into her flowing thighs.

te cai bem, minha irmã saindo
à luz cáspia.
Tudo que o teu noivo promete

exibe a marca da justiça.
Cada presente dele será traduzido
em fios trançados na trama

dos teus dias crescentes. Pensa na força
das tuas próprias mãos. Lembra de nossa mãe
nadando contra a corrente

nossos eus estranhos pespontados em suas coxas fartas.

**Magella M. to Harold C.
Ringsend Park, May 1990**

'We can't keep it under wraps
much longer.

It's Sunday afternoon and we're bound to be
unprincipled, so let our tricoloured
(our pink, turquoise and forever fuchsia)
flag fly.

I want our children to trace
its transparent drift
watchful and untempered over their diamond-shaped
(their Yellowstone, Yosemite, Algonquin)
sward, a multilingual, speechless goddess
trailing clouds of coal dust and diesel light.

Let the new kite
swallow its tail and wink
back at us, free floating
over Ireland's Eye.'

Magella M. para Harold C. Ringsend Park, maio de 1990

“Não podemos manter isso em segredo
por mais tempo.

É tarde de domingo e haveremos de ser
desregrados, então deixemos nossa tricolor
(nossa rosa, turquesa e eterna fúcsia)
flâmula flutuar.

Quero que nossos filhos tracejem
o seu voo transparente
atento e liberto acima do gramado
(Yellowstone, Yosemite, Algonquino)
em losango, uma deusa multilíngue, muda,
seguindo nuvens de pó de carvão e luz de diesel.

Deixemos a nova pipa
engolir seu rabo e piscar
para nós, flutuando francamente
acima do Olho da Irlanda.”

The Feathered Moon

I

Amado, seeing Lucia
is afraid of birds and barns
of sudden movement and dark spaces,
loves her ignorance of her own frailty.
Still he leaves her
terrified
under a feathered moon.

II

And the cowboy
craving the coyote's
lopsided canter
more than either of his wives
takes himself off
to Mexico or maybe
Argentina
in search of the real
story on sin and retribution.

A lua emplumada

I

Amado, vendo que Lúcia
tem medo de pássaros e celeiros
de movimentos bruscos e lugares escuros,
adora a ignorância de sua própria fragilidade.
Mesmo assim ele a deixa
aterrorizada
sob uma lua emplumada.

II

E o vaqueiro
mais ávido pela corrida
torta do coiote
que por qualquer das suas esposas
retira-se
para o México ou talvez
a Argentina
em busca da verdadeira
história de pecado e retaliação.

Sand Street

I have forgotten the rosewood tables
the blue room, the cold stars
cutting the Ontario night
open

I have let go my brother's steady
hand on the wheel, radio nights
at the millpond, the hurricane
lantern

to make indelible the afterimage
of your arms spread like wings
against the white windowpane and
closing

Sand Street

Esqueci-me das mesas de pau-rosa
da sala azul, das estrelas frias
cortando a noite de Ontário
de fora a fora

soltei a mão firme do meu irmão
ao volante, noites de rádio
à beira do lago do moinho, a lanterna
de furacão

para tornar indelével a imagem que ficou
dos teus braços abertos como asas
diante da vidraça branca e
fechando

Blue Light, Bay and College

for John T.

The way the street crosses itself
in a wirework of steel and shadow
is right
and not right.

It is natural the sun should set
behind us. Mid-March
and this is further north
than you have been in my country before.
I should be able to explain
the shifts that signal
a change of season, decipher bright
signatures of resumed spaces.

How to account
for the angle of a glass wall,
the refraction of light
into light, trapezoid that baffles
even the photographer's eye?

There is no saying away
the strangeness of things outside ourselves
suddenly, here.

Luz azul, baía e college

para John T.

O modo como a rua cruza a si mesma
num aramado de aço e sombra
está certo
e não está certo.

É natural que o sol se ponha
atrás de nós. Meados de março
e aqui é o ponto mais norte
em que você já esteve no meu país.
Eu deveria ser capaz de explicar
as mudanças que sinalizam
troca de estação, decifrar as brilhantes
assinaturas dos espaços renovados.

Como explicar
o ângulo de uma parede de vidro,
a refração da luz
na luz, trapezoide que confunde
até o olho do fotógrafo?

Não há como simplificar
a estranheza das coisas fora de nós mesmos
subitamente, aqui.

A Geography of Souls (2002)

A Geography of Souls (2002)

Saudade

If I could come home to you now I would.
The red and white and blue sails
of fishing boats out from Algarve
the pots and nets and cracker jack days
breaking open in the laps of Spanish widows.

If I could come home to you
Lisbon, Leipzig, Belize, Barcelona
all night I would tell you stories
of the red Mojave, the blue Cascades
the white diadem of Canada's antlered head.

The head, the heart, the hands —
what I would say to you over and over in the dark
is that every hairpin turn brings you back to where you started
homesick for somewhere you've never been
for everything you can't put a name to.

Mouth full of hunger and sluicing with the arguments
itinerants trade in their jungles of trestles and night fires —
I take my head in my hands and cut out of the dark
that heart shaped country emblazoned
on the sleeve of every Polish-Portuguese-Venezuelan-Thai
North American from Micmac to Spokane

the motley each of us wears
sailing home to you, now, if we could.

Saudade

Se pudesse voltar para casa e para você agora eu voltaria.
As velas vermelhas e brancas e azuis
dos barcos pesqueiros que partem do Algarve
as caçarolas e as redes e dias fabulosos
abrindo-se no colo das viúvas espanholas.

Se eu pudesse voltar para casa e para você
Lisboa, Leipzig, Belize, Barcelona
a noite inteira eu lhe contaria histórias
do Mojave vermelho, das Cascatas azuis
do diadema branco na cabeça galhada do Canadá.

A cabeça, o coração, as mãos —
O que eu lhe diria várias vezes no escuro
é que cada curva fechada lhe traz de volta ao ponto de partida
com saudade de algum lugar onde você nunca esteve
de tudo que você não consegue nomear.

Boca cheia de fome fluindo com as discussões
dos vagabundos em suas selvas de cavaletes e fogueiras —
seguro minha cabeça com as mãos e recorto do escuro
aquele país com formato de coração enfeitado
na manga de todo polonês-português-venezuelano-tailandês
norte-americano de Micmac até Spokane

cada um de nós um bobo
velejando para casa e para você, agora, se pudéssemos.

Stopping with Horses

Inside this green rain
he is running to the edge
of a red continent
its songlines aligning
ridgetops and riverfords.

He is on the switchback
when six horses stung by headlights
catch him out
their stippled hides a mapwork
his hands read with the intelligence
of the first cartographer.

The globe tilts on its quivering axis.
It is August on Wolf Hill.
The breathing of horses is its own continent.

Visitando com cavalos

Dentro desta chuva verde
ele está correndo até a beira
de um continente vermelho
cujas *songlines* alinham
topos de serras e vaus de rios.

Ele segue em ziguezague
quando seis cavalos ofuscados por faróis
o alcançam
seus pelos malhados um mapa
que suas mãos leem com a inteligência
do primeiro cartógrafo.

O globo se inclina sobre seu eixo oscilante.
É agosto em Wolf Hill.
A respiração dos cavalos é um continente em si.

Dead Elegant

The pipe
and the woman smoking it

(even though
it belongs to a man
she's only just
met, a Catalan
who signs approval
in blinks and nods
and she's a non-
smoker by nature

but had to know
its smoothness
cradling in her
own exotic hands

like she wanted
to inherit a grand-
father's banjo
and not the violin
or turn twenty one
at the Cajun-Creole
heart of south
Louisiana
a sweeter, slower
motion than it's been
back here at home)

Elegante de morrer

O cachimbo
e a mulher que o está fumando

(muito embora
ele pertença a um homem
que ela acaba de
conhecer, um catalão
que sinaliza aprovação
com piscadelas e meneios,
e ela seja uma não-
fumante por natureza

mas precisava conhecer
a sua suavidade
embalado em suas
próprias mãos exóticas

como se ela quisesse
herdar de um avô
o banjo
e não o violino
ou completar vinte e um
no coração
cajun-crioulo do sul
da Luisiana
num ritmo mais meigo, mais lento
do que tem sido
aqui na nossa terra)

her head
bent to the action
of flame and fragrance
is a study in binary
opposition, the chiaroscuro
mirage that stalked
Georges de la Tour
dreaming
Christ in the Carpenter Shop.

'Dead elegant,' she says.
Meaning the pipe
and the man smoking it.

a cabeça dela
inclinada à ação
do fogo e fragrância
é um estudo em binária
oposição, a miragem
chiaroscuro que perseguia
Georges de la Tour
sonhando
Cristo na Carpintaria.

“Elegante de morrer”, ela diz.
Referindo-se ao cachimbo
e ao homem que o está fumando.

A Geography of Souls

Your handwriting reversed
in the concave mirror
its shy surfaces
garlanded with winter
discloses a fluid calligraphy

millrace, aqueduct, the tidal draw
of underwater caves
where swimmers go to drown
their bodies inscribing
the lightest stroke of all.

What goes unnoticed
in the writing on the wall
in every disquisition
on the species of love
or the nature of missives

makes up a geography
of souls, a code
all colour and deepline –
a swift swimming the windowpane or
your handwriting, reversed.

Uma geografia de almas

A tua letra invertida
no espelho côncavo
suas superfícies tímidas
coroadas de inverno
revela uma caligrafia fluida —

calha de moinho, aqueduto, ação da maré
de cavernas subterrâneas
onde nadadores vão para afogar
seus corpos inscrevendo
a mais leve das braçadas.

O que passa despercebido
no escrito na parede
em cada reflexão
sobre a espécie de amor
ou a natureza das missivas

constrói uma geografia
de almas, um código
apenas delineado em *sfumato*
um rápido nado pela vidraça ou
a tua letra, invertida.

Sky

In the north shore house
there is a blue room
where a child sleeps
without seeming to breathe,
her hands spread like starfish
her feet bruised paws
in snow.

Your daughter
or mine?
Already she is
climbing trees
counting fish
finding her way
to the tidepools
and back.
Already she is at ease
dozing back to back
with the sable malamute
who's taken winter residence
in our woodshed.
Is she the one
leaves salmon, blue-
berries, hazelnuts
for the foxes,
unspooked and tamed
that buff pine marten?

Céu

Na casa do litoral norte
há um quarto azul
onde uma criança dorme
parecendo não respirar,
as mãos espalmadas qual estrela-do-mar
os pés patas feridas
na neve.

Tua filha
ou minha?
Ela já está
subindo em árvores
contando peixes
descobrimo seu caminho
de ida às piscinas da maré
e de volta.
Ela já está à vontade
cochilando encostada
ao malamute negro
que fez residência de inverno
em nosso galpão de madeira.
Ela é quem
deixa salmão, mir-
tilos, avelãs
para as raposas,
quem acalmou e domesticou
aquela marta amarelada.

'I will speak to you'
she says
'without making
a sound,
I will tell you
about the animals
that come with the moon
and go with the sun,
how their loud hearts drum
nightsongs about the mountains
where the thunder lives.'

Her voice is
geyser and backwash,
her language
could be Welsh
or Mandan,
the long distance
courtship of wolves.

Neither yours
nor mine,
belonging already
out there among them.

“Vou falar com você”
ela diz
“sem emitir
qualquer som,
vou lhe contar
sobre os animais
que vêm com a lua
e vão com o sol,
como seus corações sonoros marcam o tambor
de canções noturnas acerca de montanhas
onde vive o trovão”.

A voz dela é
gêiser e remanso,
o idioma
poderia ser galês
ou mandan,
aquele namoro
de lobos à distância.

Nem tua
nem minha,
já pertencendo
a eles lá fora.

Canadian Sleep

in memoriam William Edward McCracken

I. July, 1942

Marie, last night I dreamed
of five sons
and your sleeping body
bedded down
under star blankets.

Yesterday
was my sixteenth birthday,
mother weeping
in the twelfth of July sun,
her hands white
seabirds signaling
farewells to the
Isle de France.

Today
the North Atlantic
is a vault between us
and this European war
obscures the features
of your aching hours.

If there are sons
I know I will leave them

Sono canadense

in memoriam William Edward McCracken

I. Julho, 1942

Marie, ontem à noite sonhei
com cinco filhos
e teu corpo adormecido
envolto
em mantas de estrelas.

Ontem
foi meu décimo-sexto aniversário,
minha mãe chorando
ao sol de doze de julho,
suas mãos brancas
aves marinhas acenando
adeus ao
Isle de France.

Hoje
o Atlântico Norte
é uma cripta entre nós
e esta guerra europeia
obscurece os traços
das tuas horas sofridas.

Se houver filhos
eu sei que os deixarei

making apologies
for having been
away at all.

II. December, 1944

Dorsal gunner
on the plains beyond
Hilversum

I'm holed up
in Nijmegen pastureland,
the jackboots
of the Third Reich
scandalizing my Dutch
defenders: Karl de Boer
and his elegant *vrouw*
holding hands
behind their backs

only wych elm floorboards
and less than one inch
of braided seagrass
between me
and the end of the world.

III. February, 1945

In Edinburgh, in The North Briton
I drink two pints of heavy
with my brother, Wes.

dando desculpas
por ter um dia
me afastado.

II. Dezembro, 1944

Bombardeiro dorsal
nas planícies além de
Hilversum

estou num buraco
nas pastagens de Nijmegen,
as botas de cano alto
do Terceiro Reich
escandalizando meus defensores
holandeses: Karl de Boer
e sua elegante *vrouw*
de mãos dadas
nas costas

somente um assoalho de elmo
e menos de uma polegada
de ervas marinhas trançadas
entre mim
e o fim do mundo.

III. Fevereiro, 1945

Em Edimburgo, no North Briton
eu bebo dois *pints* de uma encorpada
com meu irmão, Wes.

Wes whose hands I have not seen
in two and a half years:
my mother's hands
churning barrels of butter.

iv. April, 1945

Only God and a Scotch thistle
will ever know
how close I came
to never coming back.

How close we all come
at least once or twice.

It was an act of the will
such as neither my heroic father
nor my brave brothers
nor even my death defying sisters
could have called up.

The tank blossoming
in a calendula of flame
and my bare hand
prising the iron turret hatch
open
open
open

v. October, 1945

Fredrich Mues
lived and died

Wes cujas mãos não vejo
há dois anos e meio:
as mãos de minha mãe
batendo barris de manteiga.

iv. Abril, 1945

Só Deus e um cardo escocês
haverão de saber
o quanto cheguei perto
de nunca mais voltar.

O quanto todos chegamos
ao menos uma ou duas vezes.

Foi um ato da vontade
do tipo que nem meu heroico pai
nem meus corajosos irmãos
nem mesmo minhas irmãs desafiantes da morte
poderiam ter invocado.

O tanque florescendo
numa chama-calêndula
e minha mão desnuda
torcendo a portinhola de ferro da torre
abre
abre
abre

v. Outubro, 1945

Friedrich Mues
viveu e morreu

in Hagen.
A raw bird, a scavenger
a soldier
I will give his *soldbuch*
(its missing photo
its torn facts
windfall for my shocked hands)
to my youngest niece's
husband, a man like myself
who's used to pack drill
and bayonet practice,
for safekeeping.

VI. January, 1947

Twenty months
and counting
the miles from scorched
Rhinebank
to scoured Southampton,
the *Queen Elizabeth*
docked and throbbing
in shafts of unearthly light.

VII. June, 1984

Alive in two continents
I spent my life with you.

In showers of sparks
I spent my life with you.

em Haia.
Um pássaro descarnado, um abutre
um soldado
vou dar seu *soldbuch*
(a foto que falta
os fatos rasgados
surpresas para minhas mãos chocadas)
ao marido da minha
sobrinha mais jovem, um homem como eu
acostumado a marchas forçadas
e exercícios com baioneta,
para guardá-lo.

VI. Janeiro, 1947

Vinte meses
e contando
as milhas da chamuscada
margem do Reno
à esfregada Southampton,
o *Queen Elizabeth*
atracado e pulsante
em raios de luz sobrenatural.

VII. Junho, 1984

Vivo em dois continentes
passei a vida com você.

Em chuvas de centelhas
passei a vida com você.

Behind a welder's mask
I spent my life with you.

On the crest of a hill looking over the valley
I spent my life with you.

In torrents of affection
I spent my life with you.

Marie.

VIII. August, 1995

Five sons and at the height
of summer their women
watching our grandchildren
spit watermelon pips.

For Jesse
I soldered nickel and copper,
fashioned the gold-black Harley to scale.

For Dylan
I sawed and hammered,
snow-sleds, go-karts, a forest of birdhouses.

For Cody and Tyler
I faced up to the camera's stare,
backlit by a kiss of maritime light.

For the girls
all of them, there will be gardens
acres of gardens.

Detrás da máscara de um soldador
passei a vida com você.

No topo de um morro contemplando o vale
passei a vida com você.

Em torrentes de afeto
passei a vida com você.

Marie.

VIII. Agosto, 1995

Cinco filhos e no auge
do verão suas mulheres
vendo nossos netos
cuspir caroços de melancia.

Para Jesse
soldei níquel e cobre,
adaptei o tamanho da Harley dourada e preta.

Para Dylan
serrei e martelei,
trenós de neve, cartes, uma floresta de gaiolas.

Para Cody e Tyler
encarei o olhar da câmera,
retroiluminado por um beijo de luz marítima.

Para as meninas
todas elas, haverá jardins
acres de jardins.

ix. July, 1998

I remember Lee George,
that Ojibwa from Colpoy's
Bay, saying over and over
in the trench-black night —

Death should come fronting
Death should come fronting

A hard thing, then
to gaze down the barrel
of a loaded pistol

to look a Pomeranian grenadier
square in the eye, to camp out together
on prairies of slaughter.

A hard thing, now
to step out of the shadows
with my photographs
and my medal of honour

stop jumping out of my skin
when Lavender's Chevy backfires,
shrapnel flexing under my toes.

Death should come fronting
Death should come fronting

Stilled by a Canadian sleep
no koans, no qualms, no delays —
it's all air now

all air, Marie, and pine cones.

IX. Julho, 1998

Lembro-me de Lee George,
aquele Ojibwa da Baía
de Colpoy, repetindo e repetindo
na noite trincheira-negra —

A morte vem de frente
A morte vem de frente

Coisa difícil, então
encarar o tambor
de uma pistola carregada

olhar um granadeiro pomerânio
bem nos olhos, acampar
em prados de morticínio.

Coisa difícil, agora
sair das sombras
com minhas fotografias
e minha medalha de honra

parar de ter sobressaltos
quando a descarga do Chevy de Lavender espoca,
estilhaços agarrados nos meus dedos do pé.

A morte vem de frente
A morte vem de frente

Sedado por um sono canadense
sem *koans*, sem receios, sem atrasos —
tudo agora é ar

tudo ar, Marie, e pinhas.

Mooncalves (2007)

Mooncalves (2007)

William Clark, The Ossified Man of Cork

He is one entire bone, from the top of his head to his knees.

Charles Smith, *History of Cork* (1815)

My mother, God love her, christened me
the changeling offspring of angels.

In my lifelong dying breath,
the rapid and more rapid respiration
of rogues embraced by iron maidens,
she divined the quinine conversation
of seraphim and cherubim
as they settled, prostrate, before me.

Fitted out in my charmed armour —
spurred left heel, thickening thorax
a gene-welded breastplate,
coral outcrops festooning
from coxae and femora,
the supra-skeletal flyover
linking pate to pelvis — serenity transubstantiated
every fossilising horn and bustle
each shed shoot and sprout
into white and gold
into feathers.

My father is a military man,
a soldier in Sir Aldworth's company.
Shut up in silence

William Clark, O Homem Ossificado de Cork

Ele é puro osso, do topo da cabeça aos joelhos.

Charles Smith, *History of Cork* (1815)

Minha mãe, Deus a abençoe, batizou-me
filho ilegítimo de anjos.

Em meu sopro de morte de toda a vida,
a respiração rápida e mais rápida
de vadios abraçados por damas de ferro,
ela pressentia a conversa quinina
de serafim e querubim
apresentando-se, prostrados, diante de mim.

Equipado com minha armadura encantada —
calcanhar esquerdo com espora, tórax espesso
um peitoral soldado por genes,
afloramentos de coral enfeitando
quadris e fêmures,
a ponte supra-esquelética
ligando a cabeça à pélvis —
a serenidade dela transsubstanciava
toda protuberância e enchimento fossilizante —
cada ramo e rebento solto
em branco e dourado
em plumas.

Meu pai é militar,
soldado da companhia de Sir Aldworth.

he watched my locked jaws
suck spoon meat,
heard me stumble and gulder
a galoot, a beggar
at the charitable boots of the gentry.

Creature of his invention,
contorted kitchen boy in a bespoke
sentry box I stand
upright all day observing
his commander's workmen,
fresh specimens of sinew and sense,
drill down, saddle up, parade out
all manner of manly
regimental endeavour
while I dream of revolution
and prison tattoos:
flags and crosses, skulls and daggers

salute across the waves, you
Joseph Carey Merrick
lone star, hero, frail familiar
in this my crenellated
firmament of bone.

Fechado em silêncio
ele observava minhas mandíbulas trancadas
sugar carne na colher,
ouviam-me tropeçar e uivar
um idiota, um mendigo
diante das botas caridosas da baixa nobreza.

Criatura de sua invenção,
menino deformado ajudante de cozinha
em uma guarita sob medida eu fico
de pé o dia todo observando
os peões do capataz dele,
espécimes saudáveis de força e juízo,
exercitar, encilhar, exhibir
todo tipo de máscara
proeza regimental
enquanto eu sonho com revolução
e tatuagens de prisão:
bandeiras e cruzes, caveiras e punhais

saúdo, do outro lado dos mares, a você
Joseph Carey Merrick
estrela solitária, herói, frágil familiar
neste meu crenulado
firmamento de osso.

Eng Alone

They say you cried out
in the iced-up January night

but in point of fact
it was me.

Not because I couldn't catch
the intimate rasp of your stale breath

drowning out where my thunderous blood
drained into your stopped veins.

Not because you were dead beside me
and I knew it.

My voice
made the sound

of Eng
without Chang

In
without *Jun*

the green fruit surprised
by the fall of the ripe

and was silenced in the vastness
of its own absence.

Eng sozinho

Dizem que tu gritaste
na noite congelada de janeiro

mas de fato
fui eu.

Não porque não pudesse captar
o íntimo som áspero do teu hálito azedo

abafado onde meu sangue estrondoso
escorria em tuas veias obstruídas.

Não porque estavas morto ao meu lado
e eu soubesse disso.

Minha voz
emitiu o som

de Eng
sem Chang

In
sem *Jun*

a fruta verde surpreendida
pela queda da madura

e foi silenciada na vastidão
de sua própria ausência.

Francis/Francine, Real Hermaphrodite

Tiresias drifting by on his bicycle
sliced me in two.
He grinned and mama
declared me ballast, windfall from the gods.

Dear girls, dear boys
who am I but everything
you are not:
the back of the mirror,
the B side of your sweetheart's
favourite single.

Monsieur photographe
what are my breasts
but drumskins
stretched to bruising?

Señor médico
what do you make of me
— penis, vagina —
my double sex nothing
but sheer miracle?

For ten fresh shinplasters
apiece you can
test my indifference, prove me
unadulterated gift or
genuine gold.

Francis/Francine, autêntico hermafrodita

Tirésias perambulando em sua bicicleta
cortou-me ao meio.
Ele sorriu e mamãe
declarou-me lastro, dádiva dos deuses.

Caras meninas, caros meninos
quem sou eu senão tudo
que vocês não são:
o verso do espelho,
o lado B do *single* preferido
do amado ou amada de vocês.

Monsieur photographe
que são meus seios
senão couro de tambor
esticado até doer?

Señor médico
como o senhor me define
— pênis, vagina —
meu duplo sexo nada
senão puro milagre?

Por dez notas novinhas
Cada um de vocês pode
testar minha indiferença, verificar se sou
legítima fraude ou
ouro puro.

Heart jumping to the clapped out
jazz of jalopies
I cross the bankrupt
parking lots of America

childless starlet
whistling Dixie as I
cast off clean dollars
— windfall from the gods —
half for the girls
half for the boys.

Coração saltando ao sacolejo
do *jazz* dos calhambeques
eu cruzo os falidos
estacionamentos da América

vedete sem filhos
assobiando Dixie enquanto
jogo fora dólares limpos
— sorte dos deuses —
metade para as meninas
metade para os meninos.

Jennifer Miller, Woman with a Beard

August 4, 1996. Or thereabouts.
Today I am sitting for Annie
Leibovitz. Naked, not nude.

Positioned to transgress the cardinal
spatio-temporal/gender-racial
boundaries of the western world

I am oblivious to the ornate ochre wallpaper
the leopard skin carpet, the matching seat cover
the bevelled mahogany skirting board.

All that measured *mise-en-scène*
could be going up in flames.

When you gaze at me gazing back at you
by all means note the beard, the breasts
the unquenchable raven mane of Jewish-Quaker hair

how my pose mimics the machismo of Commander X, General Y
is sheer Samson, pure Delilah too.
How utterly, utterly at ease I am *dans ma peau*.

But notice too that I am nodding, saluting, bowing low
to Annie Jones and Lady Olga
Madame Devere and Princess Gracie

(all America's 'bearded ladies'
quivering in the wings)

Jennifer Miller, mulher barbada

4 de agosto de 1996. Ou por aí.
Hoje estou posando para Annie
Leibovitz. Pelada, não nua.

Posicionada para transgredir os limites cardiais
espaço-temporais/gênero-raciais
do mundo ocidental

ignoro o papel de parede ocre-ornado
o tapete de pele de leopardo, o forro da cadeira combinando
o rodapé de mogno chanfrado.

Todo esse *mise-en-scène* detalhado
poderia ser consumido em chamas.

Quando me olhares te olhando
não deixes de notar a barba, os seios
a insaciável juba negra de cabelo judaico-quacre

como minha pose imita o machismo do Comandante X, General Y
é puro Sansão, pura Dalila também.
Como totalmente, totalmente à vontade me sinto *dans ma peau*.

Mas percebe também com um meneio saúdo, reverencio
Annie Jones e Lady Olga
Madame Devere e a Princesa Gracie

(todas as “mulheres barbadas” da América
tremendo nos bastidores)

considering how like me they were in love
with doorways, windows, dawn and dusk
that hallowed gap between light-quench and curtain-up.

Brooklyn's queer darling, Mr Fiedler's *pire cauchemar*
I'll play 'til I drop: juggling, clowning, eating light bulbs and fire
performing *Zenobia*, reciting *Howl*

mad for it all, the radical laughter
the ribald revolutionary somersault
into my blissed-out, bent Circus Amok

where I pay out the beads of unnumbered days
incanting *defreakify, defreakify*
by the stalwart lamp of an inner light.

considero que como eu elas estariam apaixonadas
por janelas, portais, alvoradas e crepúsculos
aquela santa lacuna entre o apagar das luzes e o levantar da cortina.

A estranha queridinha do Brooklyn, o *pire cauchemar* do sr. Fiedler,
vou atuar até cair: malabarismo, palhaçadas, engolindo lâmpadas e fogo
fazendo papel de Zenóbia, recitando *Howl*

enlouquecida, a risada radical
a obscena cambalhota revolucionária
no meu extático, deturpado Circo Amok

onde pago as contas de dias sem número
cantando *defreakify, defreakify*
diante da intensa lamparina de uma luz interior.

Tattoo Land
(2009)

Tattoo Land

(2009)

Snow Tea

for Robert and Shirley McCracken

That June the lilacs came in heavy
 as if they knew something about the summer in store.
 Fiesta, we called them, manna from the western mountains.
 (I was ten, he was thirty seven)
 With a bone-hilted Texas jackknife
 he cut their corded stems
 through milkweed pastures carried them
 armfuls of raincloud, back to me counting
 nickels in his flatbed pickup truck.

*

A butcher by default, he was
 mad about motors, tinkering in the shop
 or on the lawn — outboards, mowers, dirtbikes, pumps.
 I'd bring us Cokes and sing the choruses from

[Blonde on Blonde

(I was fifteen, he was forty two)
 and he'd say, 'Fetch that ratchet, I want to show you
 how to drain this oil tank down.'

*

They were married on a Monday in Toronto
 the third of June, nineteen and fifty seven
 Buddy Holly on the radio singing *That'll be the day*
 the world before John Glenn and LuAnn Simms.

Chá de neve

Para Robert e Shirley McCracken

Naquele junho os lilases vieram copiosos
como se soubessem algo acerca do verão iminente.
Fiesta, nós os chamávamos, maná das montanhas ocidentais.
(eu tinha dez anos, ele trinta e sete)
Com um canivete texano de cabo de osso
ele cortou os talos fibrosos
e por pastos de dente-de-leão os levou,
braçadas de nimbo, até mim contando
moedas de cinco centavos na picape.

*

Açougueiro por natureza, ele era
louco por motores, fazendo consertos na oficina
ou no gramado — motores de popa, cortadores de grama,
[motocross, bombas.
Eu trazia Cocas para nós e cantava os refrões de *Blonde on Blonde*
(eu tinha quinze anos, ele quarenta e dois)
e ele dizia, “Vai buscar aquela manivela, eu quero te mostrar
como esvaziar este tanque de óleo.”

*

Eles se casaram numa segunda-feira em Toronto
dia três de junho, mil novecentos e cinquenta e sete
Buddy Holly no rádio cantando “That’ll be the day”
o mundo antes de John Glenn e LuAnn Simms.

He drove a two tone customized Ford Fairlane
my mother wore French lipstick, candy apple red
trim bodice, knee length skirt, stiletto heels
edged with rhinestone glances.

The rest is mostly mystery, arcane
terrain belonging exclusively to them
but when they made the golden fifty mark
(yellow rose in his lapel, Japhet orchid at her wrist)

I wrote to say how sure I was
I'd caught a glimpse of that same car
its chrome tipped fins and ice cone tail lights
clocking sixty on the road to Boshkung Lake
and in its wake a show of swimming kites
cut from just above the whitest gem set hem.

*

The locals gave good trade, dealt in grain fed
cattle, sheep and swine. Sometimes after hours
brought in out of season game.
I flanked him where he bled and boned
the quartered beeves, the severed sows
learned to churn a cast iron sausage grinder
slice cold cuts, set rumps and briskets in neat rows.
No pollen here, no cornmeal. Instead the rituals
of scrubbing down the wooden block
sprinkling fresh dried sawdust on the floor
in which I read his silence
as the blessing that it was.

*

'Don't, won't, can't. Swim.
Like it fine here in the shade. du Mauriers. Labatts.

Ele dirigia um Ford Fairlane personalizado de duas cores
minha mãe usava batom francês, vermelho-maçã do amor
espartilho, saia no joelho, salto-agulha
cravejado de reluzentes pedras falsas.

O resto é quase tudo mistério, terreno
secreto que pertencia exclusivamente a eles
mas quando completaram a marca dourada dos cinquenta
(rosa amarela na lapela dele, orquídea de Jafé no pulso dela)

escrevi para dizer que tinha certeza
de ter visto de relance aquele mesmo carro
rabo-de-peixe cromado e lanternas cone-de-sorvete
marcando sessenta na estrada do Lago Boshkung
e no seu rastro um espetáculo de pipas nadando
cortadas da barra branca incrustada de joias.

*

Os nativos davam bom negócio, vendiam gado,
carneiro e suíno criados em cativeiro. Às vezes à noite
traziam caça abatida fora da temporada.
Eu o acompanhava onde ele sangrava e desossava
os bovinos esquartejados, as porcas cortadas,
aprendi a operar um moedor de linguiça feito de ferro fundido,
fatiar frios, dispor alcatra e peito em fileiras uniformes.
Nada de pólen aqui, nada de fubá. Em vez disso os rituais
de esfregar o bloco de madeira
polvilhar serragem seca no chão
nos quais eu lia o silêncio dele
como a benção que de fato era.

*

“Não, não vou, não posso. Nadar.
Tá bom pra mim aqui na sombra. du Mauriers. Labatts.

You go on I'll watch, you're the fish.
Just be careful not to go on out too far.'

*

'Come here and take a look at this
it's my old Harley Davidson kidney belt
good lord it's small, no way that would go around me now.
Why don't you have it, for a lark?'

'You know I'm not a driver
doubt I'll ever make a car, much less a bike.'

'Well you could buckle it on for kicks some Friday night
that guy you've got would think it looks real fine
or see that teenage daughter of yours there
pass it on to her, you never know, she might.'

*

He was expecting snow that day, spent the morning
putting up storm windows, transistor tuned
to CKNX, *Because you're mine, I walk the line*
and *When the lord made me he made a ramblin' man*.
At noon there was thunder, lightning, sheets of rain.
My mother on Ward C wondering
where on God's green earth he'd taken himself off to.
It was the last Wednesday in October
run up to All Souls', 1960.
By the time the doctor thought to call
the skies had cleared, it was good driving all the way.
He wasn't the first to notice that strawberry
birthmark, crowning crimson tattoo
that would give in so much auburn
tough strands black as his own.

Vá em frente eu fico olhando, você é o peixe.
Só cuide pra não ir longe demais”.

*

“Venha cá e dê uma olhada nisso
é o velho cinto da minha Harley Davidson
deus do céu, como é pequeno, jamais caberia em mim agora.
Por que você não fica com ele, só de brincadeira?”

“Você sabe que eu não dirijo
duvido que um dia eu dirija um carro, muito menos uma moto.”

“Ora, você poderia usá-lo de curtição numa sexta à noite
aquele seu camarada ia achar bem legal
ou talvez a sua filha adolescente
dê o cinto a ela, nunca se sabe, talvez ela use.”

*

Ele achava que nevaria naquele dia, passou a manhã
reforçando as janelas, transistor sintonizado
na CKNX, “Because you’re mine, I walk the line”
e “When the lord made me he made a ramblin’ man.”
Ao meio-dia teve trovoadas, raio, cortinas de chuva.
Minha mãe na Ala c pensando
onde nessa terra de deus ele teria se metido.
Era a última quarta-feira de outubro
pouco antes do dia de Todos os Santos, 1960.
Quando o médico se lembrou de telefonar
o céu havia clareado, tudo correu bem na viagem.
Ele não foi o primeiro a notar aquela mancha morango
de nascença, tatuagem carmim no cocuruto,
que faria brotar em meio a tantos fios castanhos
fios espessos e escuros como os dele.

*

In this photo he is laughing, posed
beside a strung up buck he didn't shoot.
Gray and burgundy bomber jacket
front wheel of the Harley cropped
by the frame. He's just turned twenty
and is thinking back to 1941
Pearl Harbour and his brothers who
as he'd cycled home the breaking news
were staked out, one in Holland, one in France.

*

We flew down to Orlando in a DC8
(I was nine, he was thirty six)
first time either one of us had been on board
a jet airliner, and I noticed how he noticed
the accumulating stress of each
accelerated revolution, the strangeness
of the engines' shock and shudder
then reclined into surveying
cloud contours skirting moonrise or
the lights below at Nashville, Tennessee.

He bought our mother perfume, Chanel No 5
much taken by the novelty of duty free
and made sure my brother
consumed at eight by aeronautical ambition
paid his kid's fare gratis visit
to the low lit neon cockpit.

Midnight on the airfield, it was humid
I was busy scouting palm trees, maybe
calculating mileage to the Gulf
while he stood gazing at the cooling undercarriage
as if it housed some haunted ark

*

Nesta foto ele está rindo, posando
ao lado de um cervo pendurado que ele não matou.
Jaqueta de couro cinza e vinho
roda dianteira da Harley cortada
pelo enquadramento. Ele acaba de fazer vinte anos
e está pensando nos idos de 1941
Pearl Harbour e os irmãos que
enquanto ele pedalava de volta para casa a notícia
seriam destacados, um para a Holanda, outro para a França.

*

Voamos até Orlando num DC8
(eu tinha nove anos, ele trinta e seis)
primeira vez que estávamos a bordo
de um avião a jato, e notei como ele notou
a intensidade que se acumulava a cada
giro da aceleração, a estranheza
do impacto e do tremor da turbina
então reclinou-se para examinar
o contorno das nuvens beirando o nascer da lua ou
as luzes lá embaixo, em Nashville, Tennessee.

Ele comprou para nossa mãe um perfume, Chanel No. 5
fascinado pela novidade da *duty free*
e fez questão que meu irmão
consumido aos oito anos por ambição aeronáutica
fizesse a visita infantil grátis
à cabine do piloto à meia-luz neon.

Meia-noite no aeroporto, estava úmido
eu me ocupava de observar as palmeiras, talvez
calculando a milhagem até o Golfo
enquanto ele olhava o trem de pouso que resfriava
como se ali estivesse guardado um baú misterioso

or a future he'd been ten slim years
too young to see.

*

How far is so far you won't come back again?

I wonder if he wondered that
when I went west, staked a claim
to the Pacific rim, holed up for a time
on islands at the country's limit
(I was nineteen, he was forty six)
or later headed off for Ireland
saw fit to put the gravitas
of an entire ocean between us.

If he did he never said, just footed bills
for collect calls and round trip flights
at Christmas and the Twelfth
then came for visits tuned to
building shelves, repairing gates
sizing up a situation
he refused to argue in favour or against —

'If you want that gypsy cowboy
half as much as I'm inclined to think you do
looks like here is where you're gonna have to stay.'

*

'Could have sworn I was in Korea, not just my bed
and kit but the whole hospital transported.
There were women in the 4am, talking low then loud
in a language I think I heard once in a movie...'

'That would be the morphine, it takes the pain
and you with it.'

ou um futuro que ele só poderia ver
dali a dez anos.

*

Que distância é tão distante que nos impede de voltar?

Eu me pergunto se ele se perguntava se
quando fui para o oeste, reivindiquei
como lar a orla do Pacífico, entocada algum tempo
em ilhas no limite do país
(eu tinha dezenove anos, ele quarenta e seis)
ou mais tarde fui para a Irlanda
achei por bem inserir a seriedade
de um oceano inteiro entre nós.

Se o fez ele nunca disse, apenas pagava contas
de chamadas a cobrar e voos de ida e volta
no Natal e no 12 de julho
e então vinha para visitas se dispondo
a montar prateleiras, consertar portões
avaliar uma situação
recusando-se a se declarar a favor ou contra —

“Se você quer aquele coubói cigano
tanto quanto eu acho que quer
parece que é aqui que você vai ter de ficar.”

*

“Eu podia jurar que estava na Coreia, que não apenas minha cama
e mochila mas o hospital inteiro tinha sido transportado.
Havia mulheres às 4 da madrugada, conversando baixo e depois alto
num idioma que eu acredito ter ouvido em algum filme..”

“É a morfina, leva a dor embora
e a gente junto.”

'But what about the wound, it was glowing
underneath the bandages, those sixteen staples humming
and on my tongue there was the aftertaste of some slow burn
a fuse rocketing off out into the dark, where the road is.'

*

Each year on his birthday I would make snow tea.
(He might be pushing seventy, I could be forty three)
He would say how there was nothing like it
Roiboish or Assam or in the morning Earl Grey
brewed from the season's final melt.
He prefers cast iron to aluminum any day
and we always drink from kiln fired glazed clay mugs
to hold the heat against the valley's earth cold, April mountain air.

“Mas e o ferimento, estava ardendo
embaixo das ataduras, aqueles dezesseis grampos zumbindo
e na minha língua havia um gosto de algo queimando aos poucos
uma espoleta disparando no escuro, onde fica a estrada.”

*

Todo ano no aniversário dele eu fazia chá de neve.
(Ele beirava setenta, eu teria quarenta e três).
Ele dizia que nada era como aquilo
Roiboish ou Assam ou de manhã Earl Grey
preparado com a última neve da estação.
Ele prefere ferro fundido a alumínio qualquer dia
e sempre bebemos em canecas de argila vitrificadas no forno
para manter o calor no ar frio da terra, do vale, da montanha, em abril.

Will It Fly?

Who's to say if these slight wings
can bear the weight of so much air

if the engine's primed to peak
the ballast laid in evenly

if the calculations all add up
to something sound?

Guy wires whine like fiddle strings
or cicadas high on heat

the tail piece shimmies —
a girl's kite, a dragonfly

and etched into the fuselage
autobiographies

that rarefied aluminum
a sheet of aerial parchment.

We fly on faith, you'd say
but all I'll ever know for sure

is when the day arrived
— holy gold, annunciation blue —

the wind kept to its cage and I
did not forget to kiss your soul.

Vai voar?

Quem garante que estas frágeis asas
vão suportar o peso de tanto ar

que o motor vai atingir potência máxima
o lastro bem distribuído

que todos os cálculos somam
algo seguro?

Cabos gemem qual cordas de violino
ou cigarras cantando no calor

a cauda trepida —
uma pipa de menina, uma libélula

e gravadas na fuselagem
autobiografias

aquele alumínio rarefeito
uma folha de pergaminho aéreo.

Voamos com fé, tu dirias
mas tudo o que sempre saberei com certeza

é que quando o dia chegou
— dourado sagrado, azul anunciação —

o vento ficou em sua jaula e eu
não esqueci de beijar tua alma.

Trains at Tempe

Let me tell you about the trains, he said

How the moon won't bring you sleep
or the sun either, how it's all always
Peckinpah, Malick
on odd days pure Lynch
out there in Arizona

How they came each day at dawn
Santa Fe hot shots
Canadian Pacific freighters
all graffiti and gondolas, all lumber and grain
and makeshift crates of Asian figurines

How the earth on its axis stalled
while the low light fixed the camera
a full eight minutes and forty four seconds
and the film we are watching now
five thousand miles, three hundred and sixty six days later

unavoidably arrived
and the trains – unblessed, burdened – were again
gone

Trens em Tempe

Deixe-me te contar sobre os trens, ele disse

Como a lua não tetraz sono
e nem o sol, como é sempre
Peckinpah, Malick
em dias estranhos puro Lynch
lá no Arizona

Como eles chegavam todo dia ao amanhecer
trens de carga expressos de Santa Fé
cargueiros da Canadian Pacific
tudo grafite e vagão, tudo madeira e grão
e caixotes improvisados de bibelôs asiáticos

Como a terra em seu eixo desacelerava
enquanto a luz baixa fixava a câmera
por oito minutos e quarenta e quatro segundos
e o filme a que agora assistimos
cinco mil milhas, trezentos e sessenta e seis dias depois

inevitavelmente chegou
e os trens — não abençoados, abarrotados — novamente
se foram

Allen Ginsberg's Bed

Hottest night in the history
of New York City, sweat slick electric
body stripped, spreadeagled, solo
on Allen Ginsberg's bed
all the stars of the known universe
cascading through the hydrogen skull.

Allen Ginsberg is not at home.
Allen Ginsberg is a thousand miles away
in Boulder, Colorado conversing with Chogyam Trungpa.
I am a custodian, lone Vitruvian
man minding the premises merely.

Not thinking, just breathing
sucking air the way planes do
descending from unsayable altitudes
whole elaborate mechanism deliberately
getting used to surviving

midnight shell shock
punk up from behind back
mugging six blocks from
these windows, that door
this home a long way from home.

The gun, a beretta, may or may not
have been metal, metaphysical.
Hey Allen Ginsberg I'm as unstrung as you were

A cama de Allen Ginsberg

Noite mais quente na história
de Nova York, liso de tanto suor corpo
elétrico nu, arreganhado, sozinho
na cama de Allen Ginsberg
todas as estrelas do universo conhecido
cascateando através do crânio de hidrogênio.

Allen Ginsberg não está em casa.
Allen Ginsberg está a mil milhas de distância
em Boulder, Colorado, conversando com Chogyam Trungpa.
Sou um guardião, solitário homem
vitruviano meramente cuidando do lugar.

Sem pensar, apenas respirando
sugando ar como fazem os aviões
descendo de altitudes indizíveis
um mecanismo sofisticado propositalmente
acostumando-se a sobreviver

trauma de guerra de meia-noite
punk pelas costas
assaltando a seis quarteirões
destas janelas, aquela porta
esta casa tão longe de casa.

A arma, uma Beretta, talvez
fosse ou não metal, metafísica.
Ei Allen Ginsburg estou tão nervoso quanto você ficou

mugged in that burned out basement
clutching poems, telephoning cops in the fluorescent
[bodega.

Wake up and here is Manhattan, an uncut
day for night sequence
film of a film
neither of us is able to edit
down to the final frame
to what it barely is.

assaltado naquele porão desolado
agarrando poemas, telefonando para a polícia na taberna
[fluorescente.

Acordo e eis Manhattan, um dia
não cortado que pareçanoite
filme de um filme
que nenhum de nós é capaz de editar
até o fotograma final
até o que a experiência mal pode ser.

The Map Is Not the Territory

after Alfred Korzybski

Somewhere in the middle distance
of a photograph shot down in Santa Fe, New Mexico
that familiar gesture floats, left hand signaling
from the rolled down driver's window
of a '68 cherry red Chevrolet Impala: *adios*.

It is impossible to see his face or catch
the music, salsa picked up from a border station.
The sun commits adultery, the soft top frays.
Still there are gleanings, a shower of mercury arrowheads,
the kind brought down Geronimo's prize pony

so desirous he to know death intimately.

O mapa não é o território

inspirado em Alfred Korzybski

Em algum lugar a meia distância
numa fotografia batida em Santa Fé, Novo México
aquele gesto conhecido flutua, mão esquerda acenando
da janela aberta do lado do motorista
de um Chevrolet Impala 68 vermelho-cereja: *adios*.

É impossível ver o rosto dele ou captar
a música, salsa sintonizada de uma estação na fronteira.
O sol comete adultério, a capota de lona se esgarça.
Ainda há indícios, uma chuva de pontas de flecha de mercúrio,
do tipo que derrubou o amado pônei de Gerônimo

tão ávido ele estava por conhecer a morte intimamente.

At Medicine Lake

It is my birthday, or ought to be.
Lucky March, lightstruck the way snow is
when it arrives to cover itself
with a spring skin or deliver the volcanic Cascades
from first kingdoms to last.

Here is what you bring to me
two hands cupped around a mazarine bowl
tattooed ankles sifting through starched snake grass —
obsidian soul shard retrieved from the outer reaches
of the innermost house.

Em Medicine Lake

É meu aniversário, ou deveria ser.
Março de sorte, golpeado pela luz qual a neve
quando chega para se cobrir
com uma pele de primavera ou livrar as Cascatas vulcânicas
dos primeiros reinos ao último.

Eis o que você me traz
duas mãos envolvendo uma tigela mazarina
tornozelos tatuados peneirando a relva engomada —
caco de alma obsidiana resgatado dos limites externos
da casa mais interna.

Burying the Raven

Let him come back to me whole, in dreams stain
my bleached mornings, undead familiar.

Let his nacre wingspan outgleam itself
in death, the swarming mites turn to snow.

Let his scimitar beak inscribe on my emerging
skull the poetry of the stratosphere.

Let his brave talons transport
my long shanks, my folded ribs, my irreducible
[heart

to the tops of cedars where under
Pacific cloud cover he places in my mouth

the almandine blessing stone
I have set into his.

Sepultando o corvo

Que ele volte a mim por inteiro, em sonhos manchados
minhas manhãs alvejadas, familiar morto-vivo.

Que sua envergadura nácar brilhe mais do que nunca
na morte, que os ácaros pululantes se transformem em neve.

Que seu bico cimitarra grave no meu emergente
crânio a poesia da estratosfera.

Que suas garras valentes transportem
minhas longas pernas, minhas costelas quebradas, meu
[coração irredutível

aos topos dos cedros onde abaixo
da cobertura nublada do Pacífico ele põe na minha boca

a abençoada pedra almandina
que engastei na dele.

Waiting for Snow

I

For three days we listened to weather reports
unseasoned diviners scrying entrails or
casting lots under the flight paths of birds.
It was ancient crouching by fires like that
holding cedar splints to gauge the Siberian wind's force.
When the snow fell you were on the plateau.
Here by the sea it lay one night only
the ceremony over by daybreak.

II

Third time this week I dream of the desert.
Not just any desert, the Mojave desert.
Out of it walks a white dog that is not a coyote.
I load it into a pickup truck and drive it home
to my daughter who names it Snow.

Esperando neve

I

Por três dias ouvimos a previsão do tempo
adivinhos inexperientes lendo entranhas ou
tirando a sorte sob as trilhas de voo de pássaros.
Era antigo agachar diante de fogueiras daquele jeito
segurando lascas de cedro para medir a força do vento siberiano.
Quando a neve caiu você estava no planalto.
Aqui à beira-mar ela durou uma apenas noite
a cerimônia acabou ao amanhecer.

II

Terceira vez nesta semana sonho com o deserto.
Não qualquer deserto, o Deserto de Mojave.
Do meio dele sai uma cadela branca que não é um coioete.
Eu a embarco numa picape e a levo para casa
para minha filha que a chama de Neve.

Tench

Nothing holds body and soul
together on the ridgebacked
height of June (sun scaling
vermilion zeniths)
like the long antiphonal draw
succour, solace, balm, boon.
Water is the original
song of songs.

Luciferous zero
it tastes of sweetgrass
the stalk's tender core.
It tastes mineral — salt hints
mica notes, an undertone of iron.
Spring fed source in Oxfordshire
a disused gravel pit
where bronze humped tench idle
stunned, intoxicate
suspended yet animate
barbels alert to every
shot of energy.
So plentiful this year
you could lift them with your hands.

I watch you summon them
— *tinca, tinca* —
earth man's honest body
Herculean under the weight

Tencas

Nada mantém corpo e alma
juntos na montanhosa
altura de junho (sol escalando
zênites vermelhões)
como o extenso cântico antifônico
auxílio, alívio, bálsamo, bênção.
Água é a original
canção das canções.

Lucífero zero
ela tem gosto de relva
do macio miolo do talo.
Tem gosto de mineral – toques de sal
notas de mica, um subtom de ferro.
Nascente alimentada por fonte em Oxfordshire
uma cascalheira abandonada
onde tencas com corcovas de bronze se arrastam
aturdidas, inebriadas
absortas mas vivazes
barbilhões alertas a qualquer
surto de energia.
Tão abundantes este ano
que seria possível pegá-las com as mãos.

Eu te observo convocando-as
– *tinca, tinca* –
corpo honesto de homem de terra
hercúleo sob o peso

of worlds I've sidestepped
up to this day when
no longer at home in Church Road
you come like the lions
did at nightfall to my doorstep
that season in the Transvaal
to claim one single
glass of water.

de mundos que evitei
até este dia quando
não estando mais em casa na Church Road
tu vens como os leões
ao anoitecer até a soleira da minha porta
naquela temporada no Transvaal
para reivindicar um simples
copo d'água.

They Ask for Planes and Only Get Straw Wings

after Frida Kahlo

Who is it says I am not equipped to fly?
Who has lassoed my skirts with twine
and nailed my feet to the floor?
Who dared tether with wires my wings
rooted them to invisible rafters
a mercy hole no one can see?
Who determines me *chingada*
the wounded one, the torn open, the deceived?

Not-I, Not-I
screech the monkeys, weep the deer.

No Tehuana angel I choose to pilot my plane
(a replica bomber, gift from the wide world to me)
out over the edge of the ocean.
Here, give me a pencil, a brush.
Where in grey plumes it plummets I soar
into some god's gaping jaws, you will see.

Eles pedem aviões e só ganham asas de palha

inspirado em Frida Kahlo

Quem disse que não sou equipada para voar?
Quem laçou minhas saias com cordas
e pregou meus pés no chão?
Quem ousou amarrar fios em minhas asas
prendeu-as em vigas invisíveis
um alçapão que ninguém pode ver?
Quem me chama de *chingada*
a ferida, a rasgada, a enganada?

Eu-não, Eu-não
guincham os macacos, choram os cervos.

Não escolho anjo algum de Tehuana para pilotar meu avião
(réplica de bombardeiro, presente do mundo inteiro para mim)
além da borda do oceano.
Aqui, dá-me um lápis, um pincel.
Onde em plumas cinzentas ele mergulha eu ganho altura
em direção às mandíbulas abertas de algum deus, tu vais ver.

The Sun on His Back

In my daughter's atlas
Spain is the colour of a cool satsuma
the one I watched him peel and section
not so long ago, fingers recollecting
the contours of a dozen Christmas mornings.

And even if he'd chosen not to name
the places and the dates
(each one a mystery, each one an abstract noun)
before he had to go

I would know the sun crossing
the skin plateau my pelvis makes
is the same sun casting
blessings on his back where he works
measuring light and the angle
of the Andalusian mountain's influence.

Today's the seventh day of March.
I trace the lines from there to here
distracted midway by the centre fold
to wondering if desire like the double helix
(those symmetrical economies)
has something yet to say about the way
fresh water finds a second life far underground
or sea creatures routes to sanctuary
without recourse to maps.

O sol nas costas dele

No atlas de minha filha
a Espanha é da cor de uma fria satsuma
aquela que eu o vi descascar e cortar
não faz muito tempo, dedos relembrando
os contornos de uma dúzia de manhãs de Natal.

E mesmo se ele tivesse optado por não indicar
os locais e as datas
(cada qual um mistério, cada qual um substantivo abstrato)
antes que ele precisasse partir
eu saberia que o sol que atravessa
o platô de pele da minha pélvis
é o mesmo sol que lança
bênçãos nas costas onde ele trabalha
medindo a luz e o ângulo
da influência da montanha andaluz.

Hoje é o sétimo dia de março.
Eu sigo as linhas de lá até aqui
distraída no meio do caminho pela página central
perguntando-me se o desejo como a dupla hélice
(aquelas economias simétricas)
ainda tem algo a dizer sobre o modo
como água doce encontra uma segunda vida embaixo da terra
ou rotas de criaturas marinhas até o santuário
sem recorrerem a mapas.

Tattoo Land

With sheaves of feathers in our arms
we go down at nightfall under a copper moon
to unlock the sea gate and be where the water is
prepare cypress boats painted cochineal, indigo.

Here there are gypsies, vagabonds, pilgrims. High astride
the horizon leopard and lizard, the south's constellations.
Lost to plainspeaking we tend the tide's fires
make of salt or zinc alphabets a curing ceremony.

The journey happens. Not a word said.
In such light my bones become you
our markings identical their colours inverse

our wilderness hearts confused in their travelling.
This way the ship, its open wings, its living cargo
flies and makes landfall, sole at the sky's margin.

Terra de tatuagem

Com feixes de penas embaixo dos braços
descemos ao anoitecer sob uma lua de cobre
para destrancar o portão do mar e ficar perto da água
preparar barcos de cipreste pintados de cochonilha, anil.

Aqui há ciganos, vagabundos, peregrinos. No alto montados
no horizonte leopardo e lagarto, as constelações do sul.
Nunca falando diretamente cuidamos dos fogos da maré
fazemos de alfabetos de sal ou zinco uma cerimônia de cura.

A jornada acontece. Nenhuma palavra é dita.
Sob essa luz meus ossos se tornam você
nossas marcas idênticas suas cores inversas

nossos corações selvagens confusos em suas viagens.
Por aqui o navio, suas asas abertas, sua carga viva
voa e aterrissa, sozinho na margem do céu.

Kathleen McCracken is a Canadian poet and academic, author of seven collections of poetry. *Blue Light, Bay and College* (Penumbra Press, 1991), shortlisted for the Governor General's Award for Poetry in 1992, *A Geography of Souls* (Thistledown Press, 2002), *Mooncalves* (Exile Editions, 2007) and *Tattoo Land* (Exile Editions, 2009). She has been the recipient of the University of Toronto Review's Editor's Choice Award for Poetry (1985) and the Anne Szumigalski Editor's Prize (2002), and has held several Ontario Arts Council Writers' Grants. She was runner-up in the National Poetry Contest (1998) and shortlisted for the Canadian Poetry Chapbook Competition (1999). Her poems have been published in *The Malahat Review*, *Poetry Canada Review*, *Exile*, *Poetry Ireland*, *The SHOp*, *New Orleans Review*, *Almatroz* and *Grain*. Kathleen is currently Lecturer in Creative Writing and Contemporary Literature at the University of Ulster in Northern Ireland. She has published scholarly articles on the poetry of Paul Durcan, Derek Mahon, Paul Muldoon and Ciaran Carson, as well as on Irish cinema and First Nations Canadian writing.

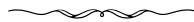
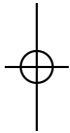
Beatriz Kopschitz Bastos has a B.A. from the Federal University of Juiz de Fora (1986), a Post-Graduate Certificate in Literatures in English from the Fluminense Federal University (1987), an M.A. in English from Northwestern University (2000), and a Ph.D. in Linguistic and Literary Studies in English from the University of São Paulo (2003). She was a post-doctoral researcher at Trinity College Dublin (2006) and at the Federal University of Santa Catarina (2005-6; 2014-15). She has lectured at Federal University of Juiz de Fora and in Post-Graduate Certificate courses and courses in the W. B. Yeats Chair of Irish Studies, at the University of São Paulo. Her research interests are in the field of Irish Studies, mostly Theatre and Film. She is Director of Literature and Producer with Cia Ludens, a Brazilian theatre company that researches, translates and stages Irish Theatre in Portuguese. She is an executive member of The Brazilian Association of Irish Studies and of the International Association for the Study of Irish Literatures. Her most recent publications as co-editor and organizer are *The Uncle Jack*, by John T. Davis (2011), *The Woman Who Married Clark Gable* (2013), by Thaddeus O'Sullivan, and *Coleção Brian Friel* (2013).

José Roberto O'Shea has a B.A. from The University of Texas-El Paso (1977), an M.A. in Literature from The American University, Washington, D.C. (1981), and a Ph.D. in English and American Literature from The University of North Carolina-Chapel Hill (1989). As visiting researcher he held post-doctoral fellowships at The Shakespeare Institute, University of Birmingham (1997/2013), at The University of Exeter (2004), at The Folger Shakespeare Library (2010). He joined The Federal University of Santa Catarina, in the South of Brazil, in 1990, where he has been Professor of English since 1993. He teaches and supervises research mainly in Shakespeare, Performance, Academic Writing, and Literary Translation. He has had a CNPq research grant since the mid 1990s, with a project that contemplates annotated, verse translations of Shakespeare's drama into Brazilian Portuguese, having published translations of the following plays: *Antony and Cleopatra*; *Cymbeline*, *King of Britain*; *The Winter's Tale*; *Pericles, Prince of Tyre*; *Hamlet*, *The First In-Quarto*. He has also translated James Joyce's *Dubliners* and *Stephen Hero* into Brazilian Portuguese, as well as another fifty-odd titles, in various literary genres.

Kathleen McCracken é poeta e acadêmica canadense, autora de sete coletâneas de poemas. *Blue Light Bay and College* (Penumbra Press, 1991), finalista do Prêmio Governor General, categoria Poesia, em 1992; *A Geography of Souls* (Thistle-down Press, 2002); *Mooncalves* (Exile Editions, 2007); e *Tatoo Land* (Exile Editions, 2009). Recebeu o Prêmio Editor's Choice, do periódico *University of Toronto Review*, na categoria Poesia (1985), e o Prêmio Anne Szumigalski (2002), e foi agraciada pelo Arts Council de Ontário com várias bolsas de subsídio a escritores. Obteve o segundo lugar no Concurso Nacional de Poesia (1988) e foi finalista no Concurso Canadense de Poesia em Folheto (1999). Seus poemas têm sido publicados nos periódicos *The Malahat Review*; *Exile*; *Poetry Ireland*; *The SHOp*; *New Orleans Review*; *Almatroz* e *Grain*. Atualmente, Kathleen é Professora de Escrita Criativa e Literatura Contemporânea na Universidade de Ulster, na Irlanda do Norte, e tem publicado artigos acadêmicos sobre a poesia de Paul Durcan, Derek Mahon, Paul Muldoon e Ciaran Carson, e sobre literatura canadense.

Beatriz Kopschitz Bastos formou-se em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1986), e se especializou em Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal Fluminense (1987). É Mestre em Inglês pela Northwestern University (2000) e Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (2003). Realizou estágios de pós-doutoramento em Trinity College Dublin (2006) e na Universidade Federal de Santa Catarina (2005-6/2014-15). Lecionou na Universidade Federal de Juiz de Fora e nos Cursos de Especialização em Língua e Literaturas de Língua Inglesa e no programa da Cátedra de Estudos Irlandeses W.B. Yeats da Universidade de São Paulo. Atua em pesquisa e ensino na área de Estudos Irlandeses, sobretudo nos temas de Teatro e Cinema. É Diretora de Literatura e Produtora junto à companhia de teatro Cia Ludens, dedicada à pesquisa, tradução e performance do teatro irlandês. Compõe a diretoria da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses e da International Association for the Study of Irish Literatures. Suas publicações mais recentes, como co-editora e organizadora, incluem *The Uncle Jack*, de John T. Davis (2011), *The Woman Who Married Clark Gable* (2013), de Thaddeus O'Sullivan, e a *Coleção Brian Friel* (2013).

José Roberto O'Shea formou-se bacharel pela University of Texas (1977), mestre em Literatura pela American University (1981) e PhD em Literatura Inglesa e Norte Americana pela University of North Carolina (1989). Na condição de *research fellow*, realizou estágios de pós-doutoramento no Shakespeare Institute, University of Birmingham (1997/2013), na University of Exeter (2004). Foi bolsista da Folger Shakespeare Library (2010). Ingressou no quadro de docentes da Universidade Federal de Santa Catarina em 1990, onde é Professor Titular desde 1993. Atua em pesquisa, orientação e ensino na área de Literatura de Língua Inglesa, nos seguintes temas: Shakespeare, Performance, Escrita Acadêmica e Tradução Literária. É pesquisador do CNPq desde meados dos anos 90, com projeto que contempla traduções em verso e anotadas da dramaturgia shakespeariana, tendo publicado as seguintes peças: *Antônio e Cleópatra*, *Cimbeline*, *Rei da Britânia*, *O Conto do Inverno*, *Pércles*, *Príncipe de Tiro*, *Hamlet*, *o Primeiro In-Quarto*. Também traduziu *Dublinenses* e *Stephen Herói*, de James Joyce, além de cerca de outras cinquenta traduções.



Amigo leitor, esta obra foi composta em tipografia Gentium
e impressa em papel Pólen Soft 70 g/m²
nas oficinas da gráfica Hedra.

